UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – CAMPUS IV
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS VERNÁCULAS

214

ANA MARIA OLIVEIRA LIMA
GERALNEIDE COELHO DOS SANTOS ARAÚJO
MOEMA JACOBINA MESQUITA DA SILVEIRA
VERA LÚCIA DA SILVA LUZ

Proposta de ação pedagógica do Clube da Rua Limpa :

Caminhada Rumo à Cidadania

Jacobina

2007.

ANA MARIA OLIVEIRA LIMA
GERALNEIDE COELHO DOS SANTOS ARAÚJO
MOEMA JACOBINA MESQUITA DA SILVEIRA
VERA LÚCIA DA SILVA LUZ

Proposta de ação pedagógica do Clube da Rua Limpa : Caminhada Rumo à Cidadania

Monografia Apresentada à coordenação do curso de Licenciatura Plena em Letras como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

BIBLIOTECA CENTRAL DA
R_____
UNEB

Orientadora Prof. Ms. Isaura Fontes
Co-orientador Prof. Dr Antenor Rita Gomes

Jacobina,

2007.

ANA MARIA OLIVEIRA LIMA
GERALNEIDE COELHO DOS SANTOS ARAÚJO
MOEMA JACOBINA VIEIRA MESQUITA
VERA LÚCIA DA SILVA LUZ

A Monografia "P*roposta de ação pedagógica do Clube da Rua Limpa: Caminhada Ruma à Cidadania", e* aprovada por todos os membros da Banca examinadora foi aceita pelo Curso de Letras Vernáculas na Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus IV, pelo PROESP – Programa Especial para Professores do Estado e homologada pelos membros da banca, como requisito parcial à obtenção do título de

LICENCIADAS EM LETRAS VERNÁCULAS

Abril de 2007

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Ms.Isaura Fontes – Orientadora

_____
Profº. Dr. Antenor Rita Gomes – Co-Orientador

_____
Profº. Ms. José Alfredo de Araújo

À professora Geni, mestre por excelência,
exemplo de cidadania e amor à causa da
Educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos a Deus pela saúde, coragem e sabedoria que nos deste.

Aos nossos esposos e filhos que, muitas vezes, nos procuraram e não encontraram, porque o dever nos chamava.

A nossa coordenadora Maria Celeste Freitas e professores pelo estímulo, compreensão e dedicação.

Aos participantes do clube da rua limpa e todos que, direta ou indiretamente, colaboraram conosco durante esta caminhada.

Há grandes homens que fazem com que todos se sintam pequenos. Mas o verdadeiro grande homem é aquele que faz com que todos se sintam grandes.

Gilbert Keith Chesterton,

escritor inglês.

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta fundamental demonstrar que existem espaços de aprendizagem fora da escola, para tanto, temos como objeto de estudo o Clube da Rua Limpa, localizado no município baiano de Jacobina, sobre o qual fizemos uma pesquisa do tipo etnográfica. Tivemos como parâmetro prévio o arcabouço teórico acerca da formação do professor transformador, dentro do conceito de escola voltada para a educação cidadã, segundo a perspectiva de autores como Gardner, Freire e Perrenoud, bem como outros teóricos da área. Deste modo, adotamos a pesquisa *in locu*, com levantamento de dados empíricos da realidade estudada, com entrevistas semi-estruturadas com amostras dos principais envolvidos com o Clube, observando-se o contexto, os recursos e as ações responsáveis pelo reconhecimento recebido perante a Câmara Municipal de Vereadores, os meios de comunicação e a sociedade de um modo geral. Assim, o produto essencial dessa pesquisa foi a adaptação da proposta pedagógica utilizada no Clube para a realidade escolar, com intuito de despertar nos educadores que tiverem acesso a esta pesquisa, o desejo de educar para cidadania.

Palavras-chave: Cidadania; Proposta Pedagógica; Inovação.

ABSTRACT

This project has as basic proposal demonstrate that there are learning spaces out of school, Nevertheless, we have as study object the "Clube da Rua Limpa", located bahian municipality of Jacobina where we made a ethnographic research. We had the theoretical framework about the formation of the transforming teacher as previous parameter inside the school concept toward the citizen education, according the perspective of authors like Gardner, Freire and Perrenoud, as well as others theoreticians of the area. In this way, we adopt the in Locu research, with a empirical date collecting about the reality studied, with half-structuralized interviews most important people who is involved with the Club observing the actions responsible for the recognition received by the City council of Councilmen, the medias and the society in a general way. Thus, the essential product of this research becomes related with the proposal pedagogical used in the Club and the way with that adaptations can be dose for the school reality.

Key – words – Citizenship; Pedagogical Proposal; I

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Os dez mandamentos do Clube da Rua Lima..... 19
FIGURA 01 – Fotos da festa do dia das Mães 20
FIGURA 01 – Organograma das atividades da 1ª fase do Clube da Leitura 36
FIGURA 01 – Foto de crianças na 1ª fase do Clube da Leitura 36
FIGURA 01 – Organograma das atividades da 2ª fase do Clube da Leitura 37
FIGURA 01 – Foto das crianças na 2º fase 38
FIGURA 01 – Modelo de Jogo de Multiplicação 42
FIGURA 01 – Modelo de Dominó Matemático 42
FIGURA 01 – Modelo de Flor Matemática 43
FIGURA 01 – Modelo de Fichas de Estados, Capitais e Siglas 45
FIGURA 01 – Modelo de Fichas de Regiões e Estados 45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Subprojetos do Clube da Rua Limpa 20

SUMÁRIO

1.Introdução 11

1.1 Procedimentos 15

1.2 Apresentação 16

2. **Capítulo I - Contexto histórico** 18

3. **Capítulo II – Ressignificação da escola** 22

3.1 Ressignificação da escola 22

3.1 O professor transformador 25

3.2.Educação e Cidadania 28

3.3.A Competência e suas múltiplas habilidades 30

4. **Capítulo III - Os Sub-projetos e a prática pedagógica do Clube da Rua Limpa** 34

4.1.O Clube da Leitura 35

4.2.O Concurso de Matemática 42

4.3.O Concurso de Estados, Siglas, Capitais e Regiões do Brasil 45

4.4.Comemoração do dia da Poesia 48

4.5.Concurso do Hino Nacional 51

4.6.Campanha Ação Cidadã 53

4.7.Festividade de Integração 55

4.7.1Festa para as Mães

4.7.2.Festa de Aniversário surpresa para a professora Geni

4.7.3.Feijoada do Clube da rua Limpa

4.7.4.Comemoração do dia das Crianças

4.7.5.Comemoração de seis meses de existência

4.8 O Clube da Rua Limpa na Comunidade 57

4.8.1.Projeto Especial da Rádio Jacobina FM

4.8.2.Palestra no Colégio Modelo

5. **Capítulo IV – Adaptando a proposta pedagógica do Clube da Rua Limpa para a escola** 58

6. **Considerações Finais** 67

7. **Referências** 69

8. **Apêndices** 71

9. **Anexos** 72

Introdução

O fracasso escolar é um dos temas mais discutidos entre os educadores. Busca-se compreender os motivos que conduzem a escola para o grande índice de desistência, repetência e, mesmo entre os aprovados, o baixo aproveitamento e a dificuldade de aprendizagem.

A realidade é complexa, não há um índice que aponte o aproveitamento dos alunos, ao contrário, toda sua vida escolar resume-se às notas que seu histórico aponta. Ora, no ensino público da Bahia, a média de aprovação é 5,0 considerando-se que o total é 10,0 então o aprendiz necessita apreender apenas 50% dos conteúdos programáticos para que obtenha êxito e seja aprovado. O currículo escolar engloba os conhecimentos tidos como indispensáveis para a formação do cidadão. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico, o Ministério da Educação, após elencar uma série de princípios norteadores da educação, afirma:

> Equacionam-se à luz destes princípios as competências, concebidas como saberes em uso, necessárias à qualidade de vida pessoal e social de todos os cidadãos a promover gradualmente, ao longo da educação básica.[1] (2006, p.15),

Em detrimento disso, o sistema aceita que o indivíduo apreenda apenas metade daquilo que foi estipulado, quer dizer que metade das competências podem não ser desenvolvidas sem prejudicar a "qualidade de vida pessoal e social de todos os cidadãos"?. Apesar do governo possuir uma parcela de responsabilidade perante esse fato, não se pode ignorar que, mesmo com uma média tão baixa, muitos são reprovados, e outros evadem das escolas. Esses são taxados de "crianças problemas", de "crianças fracassadas", disléxicas, hiper-ativas, agressivas, problemas esses que passam a fazer parte da identidade da criança, e ao entrar na escola, ela tende a assumir o papel que lhe foi atribuído.

Sendo assim, qual seria a alternativa a ser traçada para solucionar esses problemas? Existe alguma forma de fazer com que a escola se volte para o papel de espaço especialmente voltado para a aprendizagem, em que estratégias são

[1] Maiores informações no *site* http://www.dgidc.min-edu.pt/public/cnebindex.asp, com versão do Currículo Nacional do Ensino Básico disponível para *downloag*.

traçadas para facilitar o desenvolvimento das competências a que se refere o currículo nacional do Ensino Básico?

É nesta perspectiva que resolvemos estudar as propostas pedagógicas do Clube da Rua Limpa, uma iniciativa da professora aposentada Geni Pereira Alves, residente na rua Jequié no Bairro da Missão, uma idéia que surgiu, a partir da visão da sua idealizadora acerca da educação ambiental e necessidade de manter o espaço vivido limpo e preservado, além de buscar o desenvolvimento da cidadania de muitas crianças que residem na referida rua. Para tanto, não bastava "*pagar*" para que alguém fizesse o serviço de limpeza, nem tampouco esperar que o poder público o fizesse, pois, acredita-se que não basta limpar, mas há que se cultivar hábitos de limpeza e educação para não sujar.

Ações simples foram tomando formas maiores a partir da convivência entre os integrantes do clube e a professora Geni, todas elas voltadas para aprendizagem em várias áreas do conhecimento.

As ações da Profª Geni obteve reconhecimento perante a sociedade através de rádios que sempre buscam espaços para parabenizar a iniciativa, além de receber uma salva de palmas na Câmara de Vereadores de Jacobina e ser homenageada na corrida da Mulher em 2006.

A partir daí, devido à essa repercussão, tivemos interesse em compreender o quê, de fato, o Clube da Rua Limpa tem feito para receber tamanho merecimento. Ao observarmos as atividades efetuadas no Clube da Rua Limpa, percebemos que as ações não se resumem apenas em manter a rua limpa, mas uma série de projetos pequenos que auxiliam a vida das crianças, seja na escola, seja em casa, seja perante a sociedade.

Em contra partida, percebemos que a metodologia utilizada pela professora Geni não segue nenhum padrão institucionalizado, ao contrário, utiliza-se de algumas práticas tradicionais, aliadas a uma série de inovações, o que vem re-significar o velho.

Sendo assim, a questão básica da nossa pesquisa tornou-se então, perceber **"em que medida a metodologia utilizada no Clube da Rua Limpa pode orientar a práxis pedagógica de outros educadores dentro do processo de ensino-aprendizagem para uma formação cidadã?".**

O Clube da Rua Limpa é um projeto inovador, traz consigo o cerne da solidariedade e fundamenta-se na ação sem vínculos políticos, cujas ações estão voltadas para a aprendizagem, entretanto suas atividades não seguem nenhum padrão escolar calcado, basicamente, na aula expositiva, avaliação e atribuição de notas.

Ironicamente existem momentos de avaliação, porém não existe a "nota" como instrumento de medição, mas diversas formas de valorizar os mais aplicados e incentivar aqueles que não atingiram níveis mais altos.

A principal diferença entre o espaço de aprendizagem da escola e do CRL[2], é o fato de que no primeiro, a maioria só freqüenta por obrigação, ao passo que no segundo, os aprendizes são voluntários, e, portanto, algo deve aguçar sua curiosidade e manter seu interesse em participar do clube.

Entender como a professora Geni consegue este feito é de suma importância para percebermos o porquê, de maneira geral, a escola não consegue fazê-lo, e assim, adaptar para prática no espaço pedagógico escolar, as estratégias do CRL.

Ironicamente, a palavra escola significa *"lugar do ócio"*, e surgiu na Idade Média para atender a demanda de pessoas que não precisavam trabalhar para sobreviver, mas que necessitava de uma maneira de ocupar seu tempo ocioso, sem contudo ser considerado inútil . As crianças e jovens mantém até hoje a visão de achar inútil ir à escola, e se o fazem, não é por opção própria, por identificação, mas por obrigação. Alves e Pretto (1999)[3], afirmam que "A escola precisa re-significar o seu papel estabelecendo uma relação prazerosa entre o conhecimento e o saber", o que se configura naquilo que a professora Geni faz dentro do CRL. Neste sentido concordamos com a perspectiva dos autores acima citados sobre romper paradigmas e criar uma nova percepção de escola, presente na seguinte afirmação:

> [...] é que precisamos repensar a escola, mas repensá-la como um todo, de sua arquitetura ao currículo, introduzindo uma outra lógica, não mais linear e cartesiana, mas sim uma lógica hipertextual, que possibilite transformar a escola em um lugar de produção e não apenas apropriação de conhecimento e cultura. (ALVES E PRETTO 1999, p.11)

---

[2] Para evitar a repetição do nome Clube da Rua Limpa, substituiremos por sua sigla – CRL.
[3] O Artigo "**Escola: espaço para a produção de conhecimento?"** está disponível para download no *site:* http://www.lynn.pro.br/artigos.htm

Considerando as novas tendências da escola moderna e o papel do professor como um agente transformador, o objetivo deste trabalho é estudar as propostas pedagógicas do CRL traçando estratégias para adaptá-las à realidade escolar.

Como etapas de trabalho são estabelecidos os seguintes objetivos:

- Analisar o desempenho do CRL;
- Conhecer a opinião dos principais interessados: os componentes do grupo
- Apreender a prática pedagógica dos sub-projetos do CRL;
- Estabelecer relação entre o que é feito no CRL, com o que pode ser utilizado na realidade escolar;

Esse estudo apresenta, mediante pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, a contribuição das ações do CRL nos processo de interação na construção do conhecimento dos envolvidos no Clube.

A literatura consultada foi diversificada e baseou-se em publicações sobre Educação Cidadã (Paulo Freire) a re-significação da Escola (Juarez Dayrell), as inteligências Múltiplas (Holward Garner) bem como pesquisas e teorias que analisam a aprendizagem, a competência e suas habilidades (Phillipe Perrenoud) enfim, o desenvolvimento Humano. O tema conduz a análise de aspectos sociais, conjunturais e inclui a interação social como ponto de partida da aprendizagem.

Na pesquisa, serão analisados os referenciais sobre leitura e ludicidade bem como as percepções dos aprendizes do CRL.

E, por fim, vamos sugerir procedimentos que envolvem a interação na educação, calcados na prática do CRL, para a escola a fim de auxiliar na construção do conhecimento.

Procedimentos

Essa pesquisa é do tipo etnográfico, todavia, muito tem sido debatido acerca da definição deste conceito, para esse trabalho adotaremos a visão de Watson-Gegeo apud Wielewicki quando ele fala:

> [...] a pesquisa etnográfica propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente (sala de aula, por exemplo), os resultados de suas interações, e o seu entendimento do que estão fazendo (WATSON-GEGEO, 1988:576, apud WIELEWICKI, 2001, p.27):

Deste modo buscamos visualizar, em sua totalidade, o trabalho de investigação, com o propósito de identificar as percepções da ação do CRL na realidade cotidiana de seus membros. Para isso, tentamos analisar o comportamento de interação social por intermédio de visitas *in locu* em momentos espaçados, algumas vezes, as visitas foram agendadas, outras não, para que fosse possível observar o andamento das atividades tal qual elas acontecem rotineiramente.

Analisamos também o contexto social maior em que o clube está inserido, a isso se deve ao fato de termos entrevistado vizinhos, mesmo que não atuassem diretamente no clube.

A pesquisa de campo foi construída com uma amostra intencional composta pela professora Geni, membros do clube, pais e vizinhos, residentes na Rua Jequié, área de atuação do CRL. Com essas pessoas foram efetuadas entrevistas semi-estruturadas tendo como finalidade complementar e clarificar as informações obtidas, uma vez que este instrumento de coleta de dados propicia o surgimento de novas informações ignoradas durante a prévia elaboração da estrutura das perguntas, de maneira que, à medida que fosse necessário, o entrevistador (re)formulasse perguntas em busca de maior abrangências nas informações e, conseqüentemente, o engrandecimento da pesquisa.

Apresentação

O trabalho foi dividido em quatro momentos: O histórico que cumpre o papel de apresentar o Clube da Rua Limpa, como surgiu, qual a motivação e ações realizadas ao longo de pouco mais de um ano de existência. Posteriormente, a fundamentação teórica, baseada nas Teorias de Gardner, Skiner, Freire e Perrenoud, além de outros autores que nos situará dentro dos conceitos e discussões que nos propomos neste trabalho, que é re-significar a prática pedagógica buscando a educação cidadã e generosa, já que esses e outros autores afirmam que a aprendizagem não se dá apenas na escola, mas em diversas áreas e sob inúmeras possibilidades.

Uma vez compreendido o funcionamento do Clube da Rua Limpa, e as teorias que envolvem um novo olhar sobre a educação, o papel do educador e da escola, analisaremos cada um dos subprojetos que o Clube engloba, buscando compreender como eles acontecem, quais os recursos utilizados, quais os resultados esperados e obtidos, para, a partir daí, passarmos para o quarto momento, adaptar para a realidade escolar as ações do CRL. É neste capítulo também que serão vinculadas as informações da pesquisa de campo baseada na percepção de seus membros, pais e vizinhos.

Além disso, a introdução versará sobre os elementos pertencentes ao projeto elaborado antes de inciarmos a pesquisa.

Deste modo, a pesquisa proposta neste projeto tem como temática as possíveis relações pedagógicas entre teoria e prática efetuadas pelo Clube da Rua Limpa, tendo como principal objeto de estudo sua organização, ações e retornos sociais.

Para que toda essa pesquisa fosse possível, efetuamos entrevistas com pessoas dos grupos que o Clube envolve direta ou indiretamente, ficando assim disposto: a professora Geni, os integrantes do Clube, os pais, amigos e vizinhos que participam de eventos e mantêm contato com as atividades estabelecidas, para compreendermos como cada um percebe o Clube.

Sendo assim, nosso objetivo geral foi investigar e analisar a influência que o Clube da Rua Limpa exerce na vida de seus membros, bem como em suas famílias e meio social admitindo que o paradigma da participação, da parceria, e do incentivo aos educandos passou a ser incorporado como alternativa de solução para os problemas

sociais, e para tanto, outros objetivos deverão ser alcançados, como entender a Metodologia utilizada no Clube da Rua Limpa, conhecer a opinião dos principais interessados: os educandos, quanto ao projeto; visualizar quais as modificações cotidianas ocasionadas na realidade do Bairro; uma vez detectados retornos significativos, sistematizar a metodologia pedagógica a fim de que seu exemplo possa ser aproveitado por outros seguimentos da sociedade, e em especial, pelas escolas.

Histórico

O Clube da Rua Limpa (CRL) foi fundado em 14 de outubro de 2005 pela professora aposentada Geni Pereira Alves, motivada pela necessidade de manter contato com as crianças, atividade a qual dedicou 31 anos de sua vida, isto é, para preencher em sua vida, o vazio deixado pela escola.

A idéia de fundar um grupo que teria como primeira atividade, manter as ruas limpas ocorreu em função da sujeira das mesmas, assim, a professora começou a reunir as crianças da Rua Jequié, no bairro da missão, para oferecer-lhes a participar do que seria o Clube. Inicialmente, 18 crianças aceitaram participar, e tinham como principal atividade, manter as ruas limpas e impedir os adultos de jogarem "bitucas" de cigarros e palitos de fósforos no chão.

Ao final de cada tarde, após as crianças e a professora Geni reunirem os vasos de lixos que colocaram ao longo da rua e recolherem o lixo colocando-os num único lugar, as crianças eram premiadas com merendas, lanches e doces.

Assim, as 18 crianças iniciais, transformaram-se em 40 em dezembro e a cada dia novas crianças desejam participar do projeto.

As atividades realizadas pelo CRL desde o início se mantêm, ao passo que outras novas foram inseridas, assim, além das reuniões diárias para o recolhimento do lixo, acontecem reuniões quinzenais para avaliar e destacar aqueles que conservaram suas portas limpas e além da merenda, ganham presentes e no final de cada mês, realiza-se uma comemoração para entrega de certificados.

No decorrer do ano de 2006, foram muitas as atividades, dentre elas, vários concursos para incentivar o grupo. Os vencedores, que foram considerados destaque, tiveram o direito de ir às lojas escolher presentes e outros dois preferiram guardar os presentes a que tinham direito por dois meses e em seu lugar ganharam o abadá do bloco "Banana Maluca" da micareta jacobinense.

Atualmente, o clube conta com 25 participantes além dos visitantes de outras ruas que estão em fase de observação para pertencer ao grupo, mas que participam das atividades.

Os integrantes têm uma faixa etária entre dois e dezesseis anos e todos eles, até mesmo os menores, devem conservar a porta de sua casa sempre limpa, não brigar com os colegas, respeitar os pais e mais velhos, que são alguns dos dez mandamentos do clube, como pode ser visto na foto1.

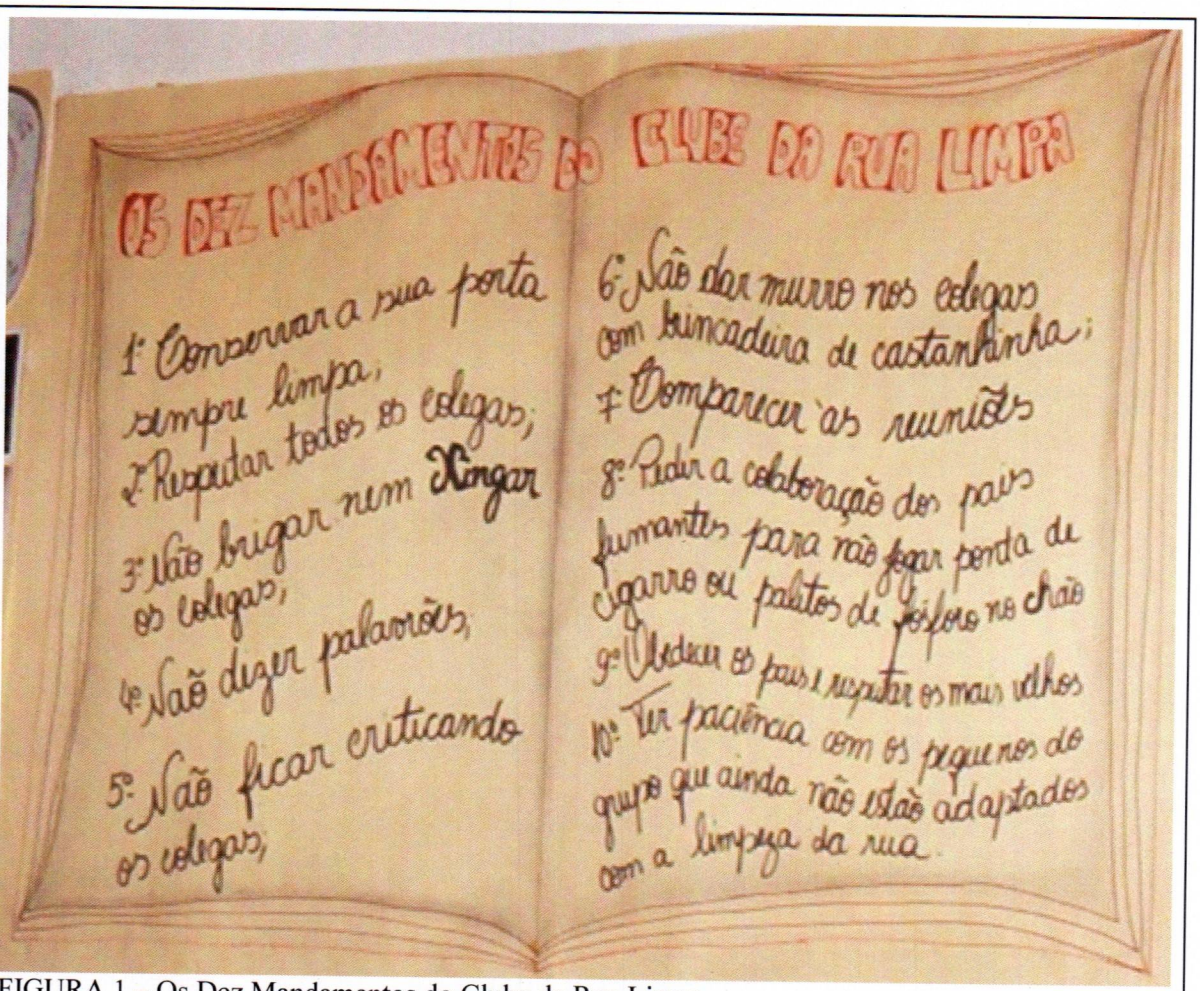


FIGURA 1 – Os Dez Mandamentos do Clube da Rua Limpa
Por Geni Pereira Alves

A professora Geni afirma que ver as outras crianças em atividade, recebendo merenda e presentes faz com que muitas outras crianças anseiem por participar do Clube, contudo, alguns acabam saindo por falta de compromisso.

Segundo a idealizadora, existem muitos outros mini-projetos dentro do Clube da Rua Limpa que devem se realizar ao logo de todos os anos, para auxiliar a aprendizagem dos componentes do grupo, que não deixam de ser, obviamente, aprendizes e também, agentes multiplicadores do que aprendem na sua realidade doméstica, com a família, e na realidade cotidiana, escola, rua, amigos.

QUADRO 1 – SUBPROJETOS DO CLUBE DA RUA LIMPA

Data de realização	Subprojetos
Janeiro/06	Clube da Leitura
Fevereiro/06	Campeonato de Multiplicação
Março /06	Comemoração do dia da poesia
Abril/06	Concurso do Hino Nacional
Maio /06	Festa e Música para o dia das mães
Junho/06	Concurso Estados, Siglas, Capitais e Regiões do Brasil.
De Outubro a Dezembro/06	Campanha da Solidariedade
Janeiro/07	Clube da Leitura

Fonte: Entrevista realizada com a Professora Geni em Janeiro de 2007.

O CRL valoriza os momentos de integração entre os moradores da rua, pais, amigos e parentes que participam das festividades, sendo, inclusive, alvo de uma delas, como foi o caso do dia das mães, em que, numa festinha surpresa, as mães receberam lembranças e foram homenageadas pelos seus filhos com música e cartazes, além do bolo, comes e bebes como podemos ver a seguir:

FIGURA 02 – A Festa do dia das Mães

Sabendo que todas essas atividades envolvem custos, sobretudo as festas e as merendas e presentes, perguntamos se havia algum parceiro que auxiliasse financeiramente o projeto, e a resposta foi categórica, tudo é feito com recursos próprios, a Prof. Geni teme que políticos queiram utilizar o seu projeto como plataforma política sendo assim, alguns vizinhos e amigos ajudam ora com alguma merenda, ora com sacos de lixo, mas essa ajuda é voluntária e esporádica

A maior contribuição está na família apoiar a participação do aprendiz no grupo, ajudando o filho a manter a porta limpa sem dificultar o trabalho do CRL.

A cada data comemorativa existem festas que são aproveitadas para entregar os certificados e os presentes. Durante a festa de encerramento do ano de 2006, foram entregues presentes para todos os componentes, pais e vizinhos e aqueles que passaram de ano sem recuperação receberam o prêmio de R$30,00 para cada como forma de incentivo, pois segundo a professora Geni: *"Criança gosta de atenção e agrado. Exijo de um lado e agrado de outro, assim estou unindo o útil ao agradável. Criança gosta de ser valorizada e todas dentro do grupo tem o seu valor"*

Escola, professor e cidadania: novos rumos para a educação

A teoria educacional traz em si o cerne de sua constante [re] construção. Ao longo da evolução do pensamento pedagógico, os conceitos vêm e vão, ora são valorizados, ora esquecidos, suplantados por outras concepções, ou um mesmo conceito passa a ter diferentes interpretações. Deste modo, a escola atual precisa ressignificar-se buscando entender seu passado e inovar para o futuro, sem perder de vista os pilares da educação. Neste sentido, buscaremos compreender o papel do professor transformador dentro desta nova concepção de escola no sentido de educar para a cidadania, levando em consideração as competências e suas múltiplas habilidades propostas por Gardner.

A Ressignificação da escola

A partir dos anos 80, uma nova análise da instituição escolar aboliu em partes com os determinismos entre homem-circunstância, ação-estrutura, sujeito-objeto, de maneira que, segundo Santos (1987, p.43) a escola assume como característica a superação do conhecimento dualista, expressa na volta do sujeito às ciências: "O sujeito, que a ciência moderna lançara na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica".

O individuo é o autor e sujeito do seu próprio mundo, mas suas atitudes devem ser voltadas para a cidadania. Sendo assim, a instituição escolar deve ser um local de encontro de interesses; de um lado, a organização oficial do sistema escolar com atribuições e funções, e, do outro, professores e funcionários inter-relacionados com um processo permanente de construção social.

Já em 1882, Rui Barbosa inseriu os pensamentos da Nova Escola no Brasil, influenciado pela corrente européia chamada também de escola ativa, cujos grandes pensadores foram o escritor Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e os pedagogos Heinrich Pestalozzi (1746-1827) e Freidrich Fröebel (1782-1852); sendo que um dos seus maiores representantes na América, o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-

1952), afirmava que as escolas deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimentos e tornarem-se pequenas comunidades.

A Escola Nova recebeu muitas críticas. Foi acusada principalmente de não exigir nada, de abrir mão dos conteúdos tradicionais e de acreditar ingenuamente na espontaneidade dos aprendizes. A leitura das obras e a análise das poucas experiências em que, de fato, as idéias dos escolanovistas foram experimentadas com rigor mostram que essas críticas são válidas apenas para interpretações distorcidas do espírito do movimento, e outras tantas formas de encarar a educação foram desenvolvidas.

Historicamente, a maneira de encarar a educação e a prática pedagógica foi se ajustando ao contexto sócio-político em que o Brasil estava inserido, de maneira que o Estado manipulava o desenvolver da educação agindo como uma instância reguladora cujo intuito maior era manter a população "sob controle".

Houve, neste processo, diversos momentos, desde o período colonial quando o interesse defendido era o da metrópole (Portugal) e da Igreja, fato que resultou na educação enquanto catequização dos índios, depois, já sob as luzes do iluminismo, o saber passou a ser mais valorizado e a educação deixou de ser relacionada com a Igreja e ensino religioso, mas ainda buscava disseminar o ideal burguês.

Posteriormente, na Era Vargas, começou-se a pensar na necessidade de uma educação de qualidade e, para tanto, a didática assumiu um papel importante e logo passou a ser disciplina nos cursos de formação de professores, mas, este momento ainda estava impregnado da necessidade de manter a população subserviente ao regime autoritário instaurado.

Nos anos seguintes, com o regime militar e a repressão este quadro se agravou e houve intensa aplicação de modelos norte-americanos no Brasil, e como conseqüência disso, o desenvolvimento do momento que convencionou-se chamar de "milagre econômico", fez com que aumentasse a necessidade de mão-de-obra técnica e pronta para o trabalho, por meio do ensino técnico.

Apenas com o final do regime militar é que a educação, assim como a população de uma forma geral, tendo sofrido com a ausência da liberdade de pensamento e expressão, passou a lutar para reconquistar autonomia, e é neste bojo que surgiu o ensino voltado para o papel sócio político, com desenvolvimento do senso crítico.

Hodiernamente, no plano teórico, a educação se encontra voltada para o agir dialeticamente, buscando transformar a realidade a partir da pesquisa. O educando não somente reproduzirá as verdades prontas e acabadas, por considerarmos que nenhum conhecimento em si está pronto e acabado ele sempre será possível de modificação, e essa consciência faz com que o aprendiz perceba que ele pode ser o agente modificador de sua própria realidade e produtor de conhecimento.

Deste modo, deve-se voltar para a aplicação prática de muitas teorias atuais que foram elaboradas para facilitar a vida do professor transformador, tendo este o cuidado de analisar tais propostas e utilizá-las de acordo com as necessidades, pois a Educação e a prática pedagógica propostas pela didática, devem ser dialéticas, confrontando idéias em busca de uma síntese prática progressista.

E desta forma o processo educativo não abandona o velho e sim vai ressignificando para construir um novo.

O objetivo da escola é promover o papel ativo dos sujeitos na vida social e escolar, não esquecendo que muitos chegam marcados pela diversidade cultural, marginalizada e, conseqüentemente, desigual em quantidade e qualidade.

O mundo que rodeia o desenvolvimento do aprendiz é hoje, mais que nunca, uma clara construção social na qual as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que condicionam sua representação.

Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido à vida. Cremos que, diante dessa perspectiva, nenhum individuo nasce pronto, mas constitui-se e produz-se dentro do grupo social em processo contínuo de formação enquanto ser humano, ou seja:

> São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum individuo nasce homem. Portanto a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homem num determinado momento histórico... (DAYRELL, 1992, p.2)

A educação ocorre nas mais diferentes situações sociais e em espaços diferentes, entre relações e atividades nas quais os limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade num determinado momento histórico.

Neste campo educativo estão incluídos a família, escola, Igreja ou grupo religioso, bem como acontece no cotidiano do bairro e do lazer do aprendiz.

Este campo educativo no qual os jovens se inserem como habitantes de uma sociedade complexa, urbana, apresenta uma diversidade de experiências marcadas pela própria divisão social do trabalho e das riquezas, o que vai delinear as classes sociais.

É preciso levar em conta que a diversidade cultural nem sempre pode ser explicada pela dimensão das classes sociais, mas faz com que os indivíduos possam articular suas experiências em tradições e valores construindo identidades cujas fronteiras simbólicas não são demarcadas apenas pela origem de classe.

Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e com um projeto mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, frutos das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um.

Finalizamos construindo um determinado olhar sobre a instituição escolar apreendida enquanto espaço sócio-cultural e, neste sentido, buscamos perceber mestres e aprendizes como sujeitos de experiências sociais que vão reproduzindo e elaborando uma cultura própria.

O professor transformador

Nos momentos de encontro da afetividade e diálogo, os alunos parecem vivenciar e valorizar uma dimensão educativa importante, assim, devemos perceber a capacidade que o sujeito tem de pensar sobre si mesmo e, neste momento, buscar na natureza humana algo que possa constituir o núcleo fundamental no qual se sustente o processo educativo.

Não haveria educação se o homem fosse um ser completo. Entretanto, uma vez que possa refletir sobre si mesmo e colocar-se numa determinada situação, numa certa realidade e na busca permanente de ser mais, a partir da auto-reflexão, descobre-se como um ser inacabado em constante mudança e construção.

Assim que o homem compreender sua realidade poderá transformá-la e criar um mundo que responda aos seus desafios e fazendo sua história segundo sua atividade criadora.

Precisa-se, por conseguinte, de um processo educativo capaz de garantir a todos o exercício pleno de sua cidadania, fato que denota a educação como o grande recurso de que uma nação pode dispor para construir o seu futuro.

Já está comprovado hoje que a riqueza de um país já não consiste na abundância de seus recursos naturais, mas, do conhecimento que os cidadãos adquirem e de como o usam em sua vida.

No campo teórico, a educação vem passando por intensa transformação. O ensino deixou de ser de domínio do professor para ser fruto da interação deste com o aprendiz e com o próprio objeto do conhecimento, a avaliação deixou de ter caráter punitivo ou até mesmo controlador, para assumir a função de identificar a expressão do aprendiz, verificando o processo ensino-aprendizagem, como também a didática do professor.

Autores como Jussara Hoffman, Cipriano Luckesi, Phillipe Perrenoud e muitos outros, elaboraram inúmeras obras que propõem uma nova forma de ensino, sobretudo quanto à avaliação e postura do professor em seu ato pedagógico.

As perspectivas teóricas de uma educação futura já estão encaminhadas e melhorando a cada dia. Contudo, cabe ressaltar que isso tem se dado apenas no campo teórico, porque, na realidade, o que se percebe é a presença cada dia mais constante do educador – qualificado e consciente das novas tendências pedagógicas – que, ainda assim, mantém-se atrelado à maneira tradicionalista de ensino, formando aprendizes reprodutores do conhecimento, em detrimento da proposta hodierna que é formar aprendizes pesquisadores, e, portanto, também produtores do saber.

Esse modelo de educador, cuja postura é de resistência ao novo, prende-se a desculpas como: má remuneração, falta de recursos, falta de tempo, mas o cerne está na falta de interesse. O professor é mal remunerado? Sim! Encontra as condições ideais para atuar? Não! Possui tempo? Muitas vezes não! Contudo, ao optarmos pelo magistério, mesmo aqueles que o fizeram por falta de opção, quando vão para a sala de aula, têm por obrigação dar o melhor de si, contra toda adversidade, contra todas as intempéries que encontram no caminho, porque com um pouco de interesse, força de vontade e criatividade é possível fazer um bom

trabalho, afinal de contas, o que ele não pode perder de vista é que sua matéria-prima é gente, ser humano em formação.

Imaginemos a seguinte situação: um médico resolve que não ganha o suficiente para fazer um bom trabalho, e, a partir daí, passa a atuar de modo desleixado. Quais seriam as conseqüências de tais atitudes? Provavelmente, em algum momento um paciente deste médico morreria, e uma vez detectada a negligência médica, o Conselho de Medicina automaticamente caçaria sua licença.

Há neste exemplo, simultaneamente, semelhanças e divergências com a educação. A semelhança está no fato de que um profissional desinteressado, seja na saúde, seja na educação, pode trazer sérias conseqüências, porque se o médico pode matar fisicamente seu paciente, o professor pode matar intelectualmente o aprendiz , ao passo que o ponto divergente consiste exatamente no fato de não existir um Conselho de Educação que regule eficazmente a prática do professor nem tampouco o puna, quando pego em falta.

Por isso, o professor tem crucial importância no desenvolvimento de um país, e é por isso também, que as maiores nações em desenvolvimento do mundo têm investido pesado em educação, diferentemente da realidade brasileira.

Assim sendo, a atuação do professor, enquanto sujeito transformador, deve transpor para a prática pedagógica aquilo que tem sido ensinado na teoria, sempre buscando as melhores soluções para as situações-problema, percebendo que a aula expositiva funciona apenas como pano de fundo para o processo ensino-aprendizagem, e procurando a cada dia, elaborar um mecanismo que desenvolva o interesse do aprendiz pela pesquisa e, a partir da valorização da auto-estima do educando, instigá-lo a questionar a si mesmo e ao mundo que o circula.

O maior legado que o professor pode deixar ao aprendiz, não é o conhecimento pronto, mas a capacidade de assimilar, reelaborar e de produzir criticamente o conhecimento, posicionando-se ativamente frente ao mundo, porque uma vez desenvolvida a sua criticidade, a reflexão, o saber flui.

Assim, é essa nova concepção de professor que envolve a postura da professora Geni Pereira Alves, cujas ações iremos analisar no desenvolver do trabalho.

Educação e Cidadania

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir
É decidindo que se aprende a decidir.
P. Freire,

Hoje o conceito cidadania tem uma conotação social em que a universalidade dos direitos é afirmada para que seja entendida como válida para todos, e não somente para alguns.

É preciso passar de uma afirmação liberal de direitos para uma afirmação libertária de busca dos direitos sociais pela inclusão de todos, que se nega pela exclusão.

> [...] a família, a escola e as igrejas se burocratizam, em consonância com as determinações da economia e da política vigentes na sociedade local, regional, nacional, mundial. O que significa dizer que há uma tendência generalizada à acomodação, transferindo-se para um poder externo e invisível as decisões que determinarão a vida das pessoas e grupos humanos. (SOARES, 1996, p.53)

Num contexto em que as pessoas deparam com situações problema, mas se sentem incapazes de solucioná-las, aguardando que uma solução surja de fora, neste sentido, a educação para a cidadania deve fazer os aprendizes perceberem que não somente são capazes de mudar o mundo, como também são os únicos capazes de fazê-lo, pois se não lutarem, ninguém mais o fará. Sobre isso Lévy (2001) nos alerta:

> Devemos aprender a ter confiança em nós mesmos: somos perfeitamente capazes de avançar rumo a uma sociedade de aprendizagem e de criação permanente, uma cultura na qual cada um estará continuamente atento ao aperfeiçoamento da cooperação e do serviço mútuo. (LÉVY, 2001, p.)

Se o processo educativo integrar estes valores em sua prática cotidiana estará fortalecendo a cidadania, e a escola tornar-se-á um lugar privilegiado do seu exercício.

Educar é libertar capacitar para o serviço qualificado e livre em beneficio do bem comum, partindo da inclusão, logo a:

> Sociedade Inclusiva é uma sociedade para todos, independentemente de sexo, idade, religião, origens étnicas, raça, orientação sexual ou deficiências. Uma sociedade que não somente é aberta e acessível para todos os grupos, mas que também encoraja a participação de cada um. Uma sociedade que

> recebe bem e aprecia a diversidade de experiências humanas. Uma sociedade cujo objetivo principal é fornecer oportunidades iguais para todos, percebendo o seu potencial humano. (Adolph Ratska)

Sentir-se incluído é muito mais que se fazer presente. É desfrutar de oportunidades muitas vezes limitadas pela discriminação, pela falta de acesso às informações, pelos processos de marginalização de pessoas que se encontram em situações mais vulneráveis em nossa sociedade.

Em 1996, a Comissão Internacional para a Educação no Séc. XXI identificava como quatro os pilares da educação do futuro:

- Aprender a conhecer
- Aprender a fazer
- Aprender a ser
- Aprender a viver juntos

Logo, o professor terá que conhecer os conteúdos, a realidade de seus alunos, as abordagens pedagógicas que podem ser utilizadas, para, depois saber fazer isso na prática, transformando-se intimamente e, a partir daí, saber se desenvolver com os outros, colegas e alunos.

A educação para a nova cidadania passa ainda por ensinar as crianças a expor as suas idéias, a saber escutar os outros e a desenvolver condutas de tolerância, críticas a ponto de não reproduzirem os modelos apenas por serem modelos, a partir das políticas hegemônicas que pregam o individualismo e o consumismo.

Neste sentido, Ludovice Paixão afirma que:

> [...] a educação para a cidadania constitui uma garantia da democracia e só pode realizar-se em contextos experienciais democráticos. Diz respeito a todas as instituições de socialização, de formação e de expressão da vida pública mas, naturalmente, cabe aos sistemas educativos desenvolverem, nas crianças e nos jovens, os saberes e as práticas duma cidadania activa. (LUDOVICE PAIXÂO, 2000, p. 11)

A Educação cidadã deve abranger todas as esferas do estabelecimento de ensino, seja ele a escola, ou um grupo de apoio social, em que em todas as etapas e hierarquias de poder, deva haver o desejo de formar o aprendiz e de dar-lhe condições para que faça revisões sobre suas ações, sendo crítico e solidário.

A Competência e suas múltiplas habilidades

Durante muito tempo, falou-se em desenvolver competências, entretanto, para ser competente é necessário desenvolver inúmeras habilidades.

Em tempos idos, media-se a inteligência de um sujeito pelos famosos testes de QI – Quociente Intelectual, criados nos primeiros anos do século XX pelo psicólogo Alfred Binet (1857-1911), no qual se respondia uma série de perguntas que envolviam apenas o raciocínio Lógico-matemático. Contudo, esses testes foram abandonados quando se descobriu o QE – Quociente Emocional, que pode ser decisivo na maneira com que o sujeito de mais alto QI irá administrar sua possível inteligência.

Howard Gardner, formado no campo da Psicologia e da Neurologia, já demonstrava interesse sobre os processos de aprendizado no início de sua carreira, Entretanto, foi a partir de sua dedicação à música e às artes, que ele percebeu que somente a inteligência lógico-matemática não dava conta de exprimir todas as manifestações do intelecto humano.

A partir disso, Gardner concluiu que, a princípio, existem sete tipos de inteligência:

1. Lógico-matemática: capacidade de realizar operações numéricas e fazer deduções
2. Lingüística: habilidade de aprender idiomas e de usar a fala e a escrita para atingir objetivo
3. Espacial: disposição para reconhecer e manipular situações que envolvem apreensões visuais
4. Físico-sinestésica: potencial para usar o corpo para resolver problemas ou fabricar produtos
5. Interpessoal: capacidade de compreender as intenções e os desejos dos outros e conseqüentemente, de se relacionar bem com eles
6. Intrapessoal: inclinação para conhecer e usar o entendimento de si mesmo para alcançar certos fins
7. Musical: aptidão para tocar, apreciar e compor padrões musicais.

Anos mais tarde, Gardner sugeriu que a Interpessoal e Intrapessoal fossem juntadas numa só e sugeriram outras duas:

8. Natural: reconhecer e classificar espécies da natureza
9. Existencial: refletir sobre questões fundamentais da vida humana.

Entretanto, Gardner afirma que todos possuem uma propensão a desenvolver todas as inteligências, todavia, é necessário que se estimule suas habilidades, mesmo aqueles que não conseguirem atingir uma delas, ainda poderão desenvolver bem e com plenitude outra.

Contudo, a escola atual valoriza somente o conhecimento lingüístico e lógico-matemático, e o aluno que não consiga desenvolver bem essas duas inteligências é logo rotulado como incapaz, ao passo que possivelmente tenha habilidades desconhecidas até para si mesmo. Assim como Albert Eistein foi reprovado nas escolas e tido como problema insolúvel, no entanto, se revelou um incrível cientista cujas descobertas norteiam outros trabalhos ainda hoje.

O indivíduo pode desenvolver vários estilos de aprendizagem, enquanto uma pequena parcela tenderá a compreender apenas por um estilo, e cabe ao educador buscar todos os estilos para que o grupo consiga atingir o mesmo nível de aprendizado nas mais diversas áreas. Nesta perspectiva, Gardner sugere que as habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal; ele propõe que se pense nessas habilidades como organizadas verticalmente, e que, ao invés de haver uma faculdade mental geral, como a memória, talvez existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado, em cada área ou domínio, com possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma relação direta.

Os esforços sempre foram voltados à formação de crianças, uma vez que o grande desafio era um projeto de atendimento às crianças marginalizadas por não aprenderem o que a escola espera que aprendam.

Deste modo, o educador, enquanto sujeito transformador da realidade, deve atentar para essas questões e, a partir daí, desenvolver em sua prática uma metodologia pedagógica que propicie a esses indivíduos o aprendizado, pois, segundo Gardner, todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências, entretanto, a escola não estimula o desenvolvimento das demais inteligências, restringindo-se à lógico-matemática e

lingüística, privando, desta forma, o aluno de um desabrochar de todas as suas potencialidades.

No Clube da Rua Limpa, existe uma tendência altamente transformadora, já que não existe o mecanismo de prova como punição, e tampouco atividades que exijam nota para "*passar*", de modo que a disposição para aprender parte do aprendiz, ele se dispõe a cumprir as atividades estabelecidas pelo grupo, cada qual com suas obrigações.

A professora Geni utiliza também o método proposto por Skinner (1972) segundo o padrão particular **Estímulo-Resposta (S-R)** é reforçado (recompensado), o indivíduo é condicionado a reagir, contudo, Skinner cometeu uma falha ao defender o castigo como punição pela falta de reação, fato que a professora Geni não defende dentro da prática pedagógica do Clube da Rua Limpa, ao contrário, ela premia todos os que participam e elege aqueles que se destacam durante o mês, alegando que este se tornou merecedor de uma premiação (estímulo) que originará uma resposta, tanto daquele eleito, que se sente na responsabilidade de manter o padrão, como daqueles que almejam atingir esse status.

Não se pode dizer, contudo, que o Clube estabelece uma conduta Behaviorista, já que este estabelece uma série de princípios já rebatidos ferozmente, mas têm obtido sucesso quanto ao estímulo às ações positivas.

Esse estímulo acontece também para manter a auto-estima dos participantes do grupo, uma vez que esse promove festas de acordo com o calendário, nas quais acontecem festivais de poesias, entrega de certificados de participação nos grupos de matemática, leitura e outras atividades, além de fazer exposição das fotos que são tiradas semanalmente para a vizinhança, tudo isso acompanhado de comes e bebes, contribuindo, desta forma, para a socialização dos indivíduos.

O aluno vê-se valorizado e sente-se importante frente a sua comunidade e esta satisfação gera o interesse em manter-se em dia com as atividades. Os alunos já receberam material didático (caderno, caneta, cola tesoura e etc.), livros paradidáticos para o clube de leitura, doces, balas, almoços, bolos, isto é, merendas variadas.

Estamos, assim, diante de uma nova escola, uma escola atual, que ainda não existe institucionalmente, mas ideologicamente, em que o interesse maior parte do aprendente, e não da família, professores ou mesmo da escola enquanto instituição.

Os Subprojetos e a prática pedagógica do Clube da Rua Limpa

Como já foi citado anteriormente, o CRL é dividido em momentos distintos, as atividades cotidianas, que envolvem a manutenção da limpeza da rua, a fiscalização dos pais e vizinhos que fumam para que as crianças os orientem a não jogar bitucas de cigarro, palitos ou caixas de fósforos no chão, assim como qualquer lixo, já que o clube espalhou vasos coletores de lixo por toda a rua. Para tanto, ao final da tarde, as ruas que o CRL envolve são varridas e o lixo acumulado num só local para facilitar o trabalho dos garis e lixeiros; e, posteriormente, ocorre a distribuição de merendas para os membros do grupo que auxiliaram neste trabalho.

As crianças discutem a importância de manter o espaço vivido limpo e conservado, essa atividade auxilia o sentido da consciência ambiental, uma vez que as elas não somente aprendem a não sujar, como também a orientar aqueles que sujam as ruas. Embora a iniciativa seja restrita ao número de 27 componentes que o grupo atualmente abarca, deve-se levar em consideração o fato que mais de 40 crianças já passaram pelo clube, e que, por diversos motivos se afastaram, como é o caso de muitas crianças que se mudaram do bairro, entretanto, aquilo que foi aprendido naquele período, será levado para sua vida cotidiana seja qual for o ambiente em que estejam inseridos.

Quando uma criança repreende um adulto ou um jovem de maior idade que ele por estar cometendo um erro ao sujar as ruas, essa ação simples, tem grande chance de fazer com que estes modifiquem suas ações, e percebam quão irresponsáveis são em relação à conservação do meio ambiente.

O outro momento que envolve o clube, são as atividades direcionadas para cada época do ano, a depender das necessidades detectadas pela professora Geni no seu contato cotidiano e acompanhamento com as crianças. São os subprojetos que acontecem dentro do CRL.

Para melhor compreendermos os subprojetos, falaremos sobre eles, um a um, desde a metodologia utilizada até os objetivos traçados, para, posteriormente, fazermos uma análise da importância dessas atividades da vida dos membros do grupo enquanto sujeitos em fase de construção de sua identidade, personalidade e conhecimentos.

O Clube da Leitura

O Clube da Leitura foi o primeiro subprojeto a ser desenvolvido pelo CRL e obteve resultados tão satisfatórios que no ano de 2007 receberá maior destaque.

Em Janeiro de 2006, o CRL não dispunha de um espaço próprio pra suas atividades, portanto, elas eram, em grande maioria, realizadas na própria rua Jequié. Para tanto, o espaço era devidamente preparado para receber e propiciar a aprendizagem dos membros do clube, de maneira que estiravam esteiras, faixas e livros separados por tipo e faixa etária a que se destinavam. As atividades duraram o mês de janeiro inteiro e parte do mês de fevereiro.

Atualmente, o Clube da Leitura ampliou suas ações de tal modo, que suas atividades deste ano, iniciadas em fevereiro, irão se manter até o mês de novembro, quando haverá a avaliação geral. Antes de falarmos a metodologia utilizada, falaremos dos recursos que foram adquiridos ao longo deste ano de existência:

- Uma sala de leitura provisória localizada a rua São João, atrás da rua Jequié, numa casa que pertence à Judith Alves Souza, irmã da educadora Geni, a sala é provisória porque recentemente Geni adquiriu uma casa e está reformando o espaço para disponibilizar uma sala permanente para o Clube de Leitura, também na rua São João.
- 400 livros: clássicos da literatura, histórias infantis, contos de fadas, livros para pesquisa, enciclopédias completas, Atlas, dicionários entre outros;
- Filmes baseados em obras literárias que o clube já possui:
    - O cortiço;
    - Iracema;
    - Meu pé de Laranja Lima;
    - Senhora;
    - O Conde de Monte Cristo em duas versões, uma para adultos e uma em desenho animado para crianças;
    - Fernão Capelo Gaivota;

- Sansão e Dalila;

- Assinaturas de revistas:
  - National Geografic;
  - Mundo Estranho;
  - Veja;
  - Ciências Hoje;
  - Nosso Amiguinho;
  - Pelos Caminhos da Terra.
- Merendas, sucos e água mineral na sala de leitura
- Portifólio com grande acervo de fotografias as atividades registram todos os momentos.

Procedimentos:

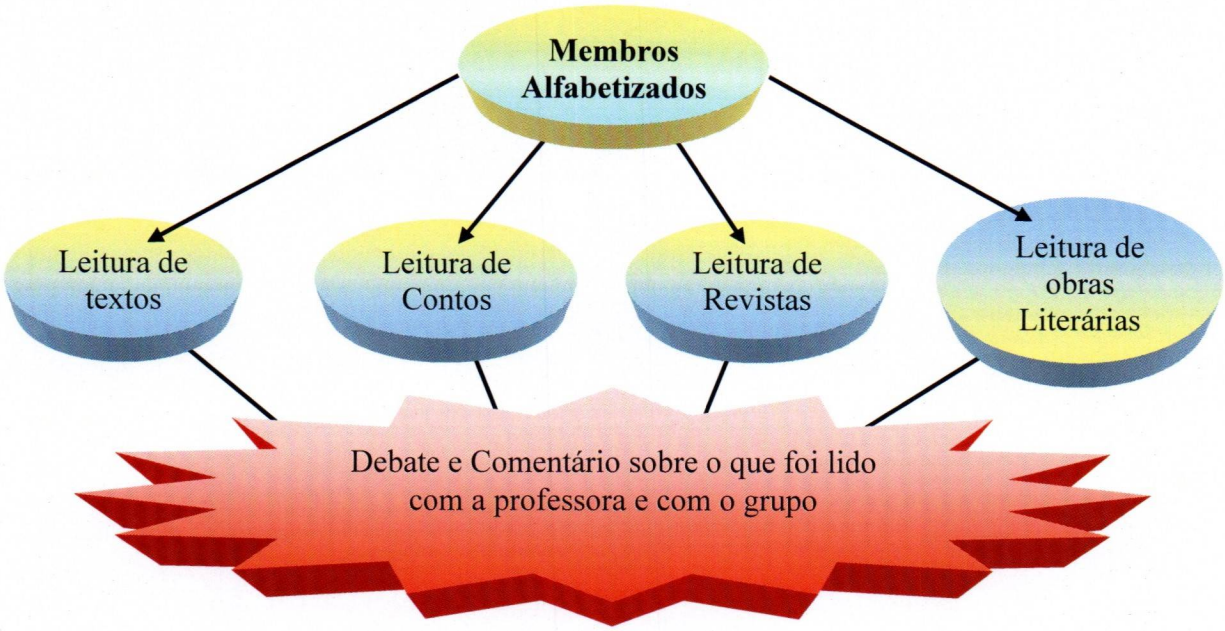
As atividades são iniciadas com uma abertura, em que os membros escolhem o que desejam ler, ou mesmo ver (haja vista que nem todos sabem ler), como revistas, livros, textos selecionados, contos e outros. Isso acontece para que o jovem ou criança perceba a variedade de opções que ele dispõe para entretenimento, e o objetivo é que algo lhes chame a atenção.

Posteriormente, todas as ações são divididas em etapas, direcionadas para as idades e séries específicas. A primeira etapa, já concluída neste ano, durou um mês, e os jovens que já sabiam ler, iam para a sala de leitura no dia marcado, iniciavam escolhendo um texto entre os 53 previamente selecionados pela professora Geni para ler, depois direcionavam sua leitura para aquilo que foi estipulado para semana, de maneira que a cada semana trabalhavam linguagens diferentes: contos, revistas, textos jornalísticos entre outros.

Além disso, podiam pegar livros emprestados para ler em casa, contudo, com o intuito de garantir que a leitura se efetivou, cada membro possui uma ficha de acompanhamento onde são anotados os empréstimos e nº de livros lidos, assim

sendo, o componente só pode entregar um livro e tomar emprestado outro após fazer um comentário contando os fatos que envolviam a obra para avaliar se a leitura aconteceu de fato. Ao final de cada etapa, aqueles que leram o maior número de livros foram premiados em 1º, 2º e 3º lugar, lembrando que todos os participantes recebem alguma lembrança pelo trabalho realizado. Assim as atividades da 1ª Etapa ficam dispostas:

FIGURA 03: Organograma das Atividades da 1ª fase do Clube da Leitura



Fonte: Entrevista realizada com o Clube da Rua Limpa
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

A 2ª Etapa do Clube da Leitura é direcionada para as crianças menores que ainda não lêem, a metodologia é diferenciada, uma vez que eles dependem de terceiros para desenvolver o gosto pela leitura, deste modo, as crianças são divididas em grupos pequenos, segundo a idade, para visitar a sala de leitura, cada grupo uma vez por semana. Na sala de leitura, a professora Geni lê histórias bíblicas e contos de fadas para as crianças. Após a leitura, as crianças irão comentar a história tanto com o grupo, quanto com os pais em casa. Depois deste momento são realizadas atividades motoras que tenham alguma relação com a história lida, como por exemplo, na história do Soldadinho de Chumbo: as crianças fizeram

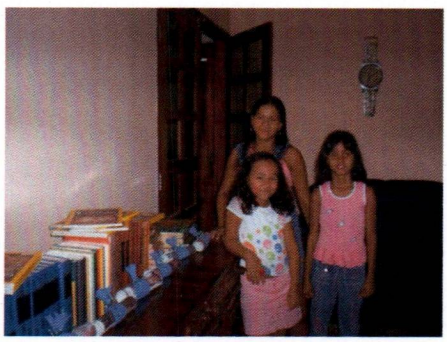


FIGURA 04 – Crianças na 1ª Etapa, junto com os livros fotos para serem entregues em forma de canudos

barquinhos de papel, ou em outros casos, fazem desenhos e pinturas sobre a história lida. Num segundo momento, as crianças podem levar livros para casa a fim de que seus pais ou responsáveis leiam para eles. Após isso, as crianças procuram à professora Geni, contam-lhe a história que ouviram dos pais, devolvem o livro e escolhe outro.

Para que esta atividade fosse possível, alguns pais tiveram que se dispor a ajudar os filhos, pois, 90% dos pais alegaram não terem o hábito de ler para os filhos, e algumas vezes, crianças reclamam que seus pais se recusam a ajudar, necessitando que a professora Geni intervenha, converse e explique a importância que esse ato simples tem na vida de seus filhos: o desenvolvimento do gosto pela leitura e carinho com os livros, bem como alavancar o processo de formação de leitores proficientes.

Existem pais que além de lerem os livros por eles selecionados, contam-lhes outras histórias, as quais são compartilhadas com os demais membros do clube num momento que a pró Geni denominou de Recontando o conto.

A 2ª Etapa conta com as seguintes atividades:

FIGURA 05: Organograma das Atividades da 2ª fase do Clube da Leitura

Fonte: Entrevista realizada com o Clube da Rua Limpa
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

Embora ao final de cada etapa haja uma classificação daqueles que leram mais livros e se interessaram mais, em novembro haverá o balanço geral e todos receberão o certificado de participantes do Clube de Leitura, numa cerimônia festiva, com comes e bebes e música, para as famílias e vizinhos. Embora a sala só seja disponibilizada durante o tempo da etapa de cada grupo, todos podem pegar livros emprestados a qualquer momento, desde que tenham lido o livro anterior.

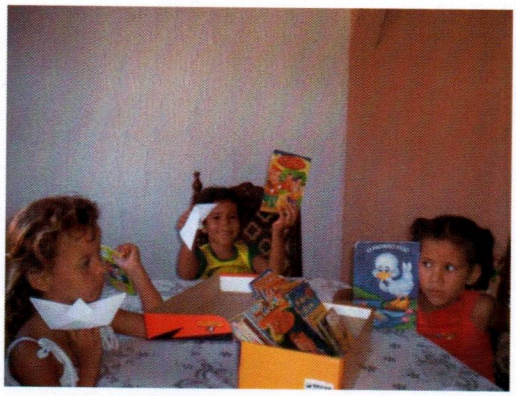


FIGURA 06 – Crianças na 2ª Etapa, lendo e fazendo barquinhos de papel

Recentemente, a professora estipula um livro para leitura, e após um grupo tê-lo lido e comentado, todos vão para a sala de leitura assistir ao filme sobre a obra, para depois comentar as diferenças entre a obra escrita e a linguagem cinematográfica, com o intuito maior de mostrar que existem fatos, características e aspectos que o filme não consegue representar tão bem quanto o livro, entendendo-o como uma versão da obra escrita.

Além dessas etapas, a professora Geni está fazendo um trabalho à parte com algumas crianças que já estão cursando a 4ª e 5ª séries, mas que possuem uma imensa dificuldade de leitura, com um acompanhamento individual, em que essas crianças lêem em voz alta, e posteriormente, ao fim de cada parágrafo, expliquem que leram, qual o sentido daquilo que acabaram de ler, evitando que elas dissimulem a leitura e auxiliando nas maiores dificuldades fruto da deficiência vinda do processo de alfabetização, já que essas crianças estariam, segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), na fase silábica alfabética, em que há um grande conflito cognitivo, porque o aprendente representa o número de sílabas, mas percebe que para o som é necessário acrescentar ou reduzir letras. Deste modo, texto não é utilizado apenas para aferir o nível de alfabetização do aluno, mas também para despertar seu senso crítico, estimular seu diálogo com o texto, compreendendo-lhe os sentidos, objetivos e intenções.

A fundamentação por trás da ação

Todas as atividades acima citadas foram descritas com base em entrevistas com os membros, pais e professora Geni, além da observação da ação em diferentes momentos.

Durante as entrevistas com a professora Geni, observamos que, em nenhum momento ela fez referência a alguma teoria ou autor que fundamente sua prática, ficou claro, através da sua fala, que todas essas ações fundamentam-se na intuição apurada da educadora, fruto dos longos trinta e um anos de experiência docente com as séries iniciais do Ensino Fundamental.

É importante ressaltar que a formação profissional desta educadora se limita às possibilidades existentes há três décadas: a Formação para o Magistério, cuja prática fundamentava-se, basicamente, nas teorias da escola tradicional, a qual considerava o aluno como uma folha de papel em branco, sem historicidade e, portanto, sem cultura e conhecimento prévios que lhes servissem de base para a aquisição de novos conhecimentos e socialização no espaço escolar.

Apesar disso, a professora Geni conseguiu romper com essa formação estritamente tradicionalista, para implementar estratégias atuais de grande relevância para despertar no aluno o senso de cidadania, de solidariedade, responsabilidade, respeito ao meio ambiente e ao próximo, e, além disso, transforma-os em agentes multiplicadores, como poderemos verificar ao longo dos demais sub-projetos, numa proposta que alia os aspectos positivos do tradicionalismo, com estratégias educacionais altamente inovadoras na realidade de Jacobina.

Entretanto, todo educador, mesmo que inconscientemente, baseia sua prática em alguma (s) teoria (s), portanto, passaremos a analisar a metodologia, as ações e os objetivos do clube da leitura, baseando-nos no arcabouço teórico relativo ao desenvolvimento da leitura e, por conseqüência, formação de leitores/produtores de textos proficientes, pois a condição essencial para que o sujeito se constitua como um bom produtor de textos, é que ele seja um leitor eficaz no seu mais amplo sentido.

Para Lajolo (2002, p. 108), "*A formação de um leitor exige familiaridade com grande número de textos*" e Geraldi (1997) também afirma que o professor deve ser um bom leitor, deve estar atualizado e bem informado, deve ser multimídia.

Sendo assim, a professora Geni pode ser considerada uma profissional multimídia, uma vez que ela proporciona o contato com uma diversidade textual, além de múltiplas linguagens que a veiculam, possibilitando aos membros do CRL a compreensão da leitura como um espaço de interação e interlocução entre os diversos atores sociais.

É relevante destacar que os alunos têm contato com revistas que trazem temáticas atuais, permitindo uma maior compreensão das realidades que os circundam, rompendo com um problema apontado por Dalla Zen em que:

> As experiências têm se restringido a atividades de mera compreensão literal, descontextualizada. A tão propagada leitura de mundo freiriana tem andado divorciada da leitura da palavra, o conhecimento prévio do aluno não é chamado para entrar em ação. (ZEN, 1997, p. 28)

Muitas vezes, os professores justificam a ausência de trabalhos desta natureza com o fato dos alunos não se interessarem, não participarem, mas o pressuposto da existência tanto do CRL, como do Clube da Leitura é a liberdade de participar, ou seja, não é obrigatório que as crianças e jovens participem dos Clubes, ao contrário, eles são livres para participar, e se o fazem, é porque se interessaram por algo que aguçou sua curiosidade, o que caracteriza a formação do professor transformador, o de fazer despertar no educando o desejo e o prazer de participar das atividades propostas.

> [...] Assim uma coisa é ler, tomando conhecimento do que está no livro. Outra coisa é elaborar o que é seu, imprimindo interpretação própria pelo menos. No primeiro caso, a relação básica é de instrução. No segundo, é de formação da competência. (DEMO, 1996, p. 28)

A leitura que não gera debate, discussão finda por esvaziar-se em si mesma, sobretudo nas séries de formação de leitores proficientes, isso porque, o sujeito que já desenvolveu esta capacidade é capaz de ler sozinho e imprimir suas impressões do texto, uma vez que já possui autonomia para tanto, ao passo que ao sujeito em formação, necessita de espaços que propiciem o debate, para apontar que existem diferentes interpretações, diferentes concepções acerca do que foi lido e capaz de perceber a intencionalidade do texto, posicionando-se criticamente diante dele e não

somente reproduzindo a idéia do autor, essas são algumas das habilidades que o leitor competente, apontado por Pedro Demo, deve desenvolver.

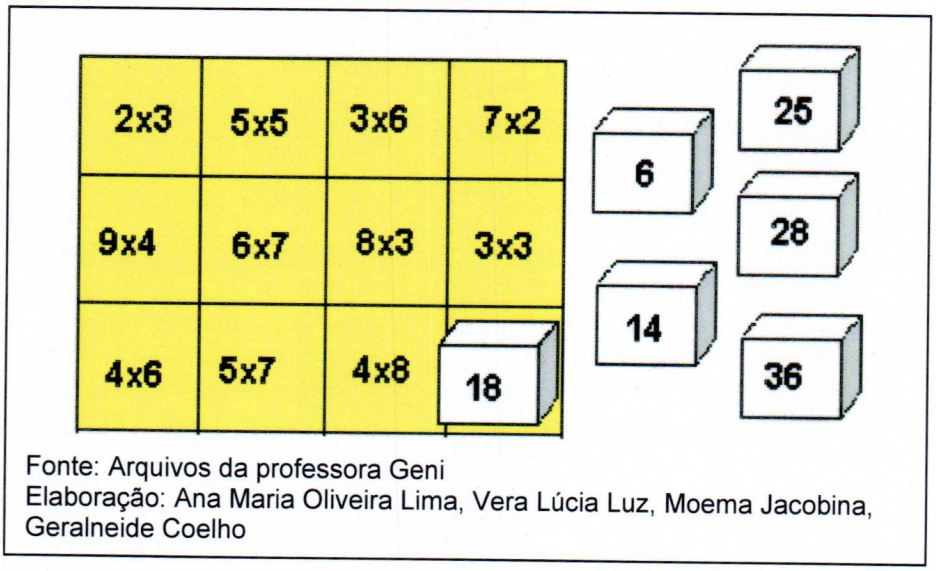
Concurso de Matemática

Esta atividade foi realizada em fevereiro de 2006 (devendo acontecer novamente em 2007 no mês de abril) em função da detecção de uma grande deficiência entre os membros de 4ª a 8ª série quanto ao uso das quatro operações. O mais interessante é que membros de idades e séries muito distintas e distantes entre si encontravam-se em situação semelhante: intensa dificuldade de realizar contas, principalmente na multiplicação, o que obviamente implicará na divisão.

Para esta ação, a professora Geni confeccionou alguns materiais pedagógicos para auxiliar a aprendizagem, entre eles:

- Tabuadas utilizadas para estudo;
- Jogos de multiplicação: o jogo de multiplicação é confeccionado com papel cartão para fazer o tabuleiro e caixas de fósforos para as peças. No papel Cartão, recorta-se um retângulo grande e nele são traçadas linhas verticais e horizontais para formar retângulos no tamanho da caixa de fósforos. Em seguida, coloca-se, em cada retângulo uma multiplicação. Ex: 9x2. As caixas de fósforos são forradas com papel ofício, e nela é escrito o resultado da operação. Ex: 18. As crianças deverão, então, colocar a caixa de fósforos em cima do retângulo, cujo número escrito corresponda ao resultado da operação:

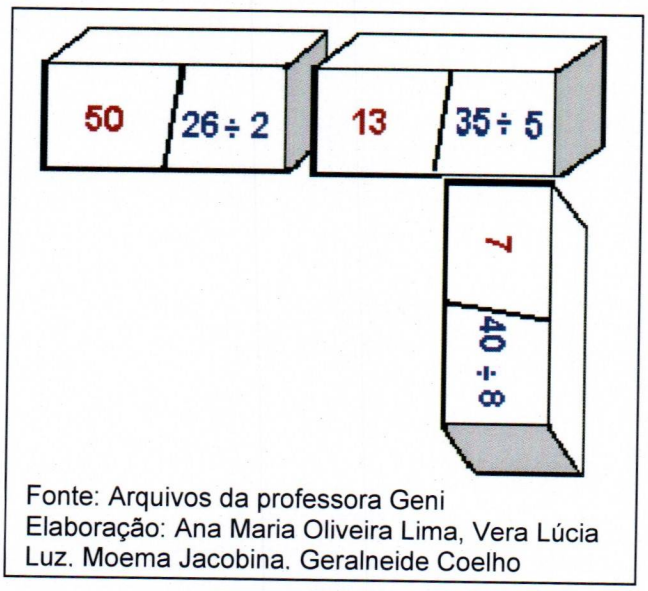
FIGURA 07 - Modelo do Jogo de Multiplicação



Fonte: Arquivos da professora Geni
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

- Dominós com as quatro operações: os dominós são confeccionados com caixas de fósforos forradas com papel ofício. Cada peça é dividida em duas partes, do lado direito fica a operação e do lado esquerdo a resposta da operação seguinte, ao final, deve-se tomar cuidado para não colocar operações com mesmo resultado, pois o dominó deve fechar. Ex:

FIGURA 08: – Modelo de Dominó Matemático

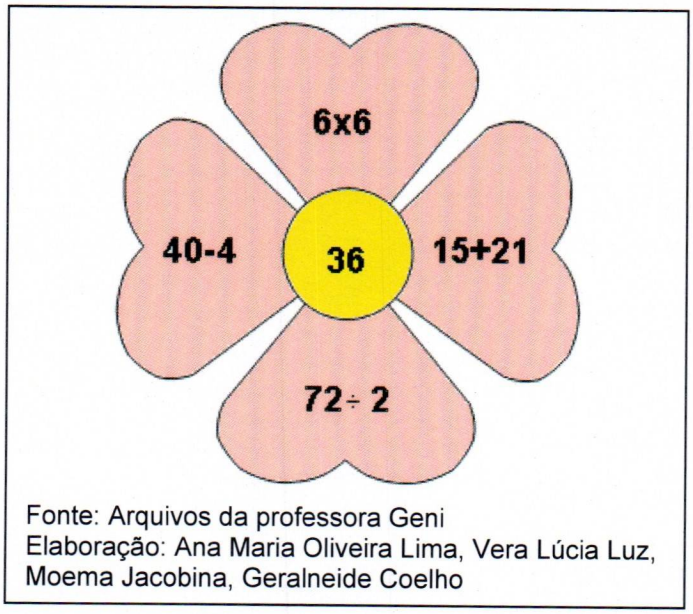


Fonte: Arquivos da professora Geni
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz. Moema Jacobina. Geralneide Coelho

- A flor matemática, também com as quatro operações, mas neste caso elas ocorrem simultaneamente. Pega-se cartolina, ou papel cartão de duas cores, uma cor para fazer o miolo da flor e outra pra fazer as pétalas. Cada flor tem quatro pétalas e em cada pétala uma operação que terá como resultado um

mesmo número a ser encontrado no miolo da flor. A jogabilidade consiste em pegar um miolo, ver o valor, e procurar pétalas cuja operação resulte naquele número. São feitas várias flores, e tanto os miolos quanto as pétalas devem ser mantidas juntas, para que a criança tenha que encontrar as operações que dêem o resultado que ela deseja. Ex:

FIGURA 09 – Modelo de Flor Matemática



Fonte: Arquivos da professora Geni
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

Essas atividades lúdicas ajudam a exercitar aquilo que foi estudado na tabuada, de maneira que as ações não se resumam a "decorar" conteúdos, mas sim, saber como aplicá-los.

Procedimentos:

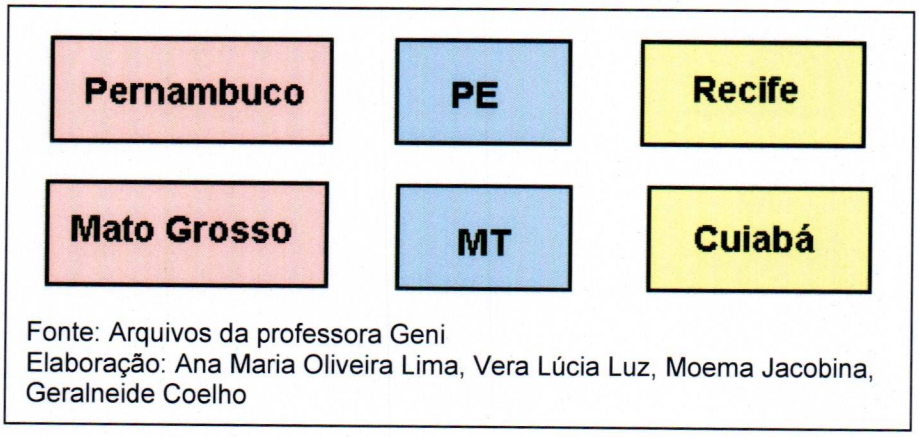
Para cada um desses jogos, foi estipulado um campeonato em que todos os participantes divididos em dupla, receberam um jogo cada e competiram para ver quem completava primeiro, este, seria o vencedor da dupla. Para saber o vencedor geral do concurso, todos os participantes competiram entre si, e foi anotado o número de vitórias de cada um. Ao final, aquele que ganhou do maior número de colegas venceu o campeonato, recebendo uma premiação para 1º, 2º e 3º lugar. Todos os participantes receberam certificados e uma lembrança de incentivo durante uma festa de encerramento com comes e bebes e música.

Concurso Estados, Capitais e Regiões do Brasil

Este concurso foi realizado em função da proximidade da copa do mundo direcionar o olhar para a representação do Brasil perante o mundo. A Copa do mundo é um dos poucos momentos que estimulam o sentimento nacionalista do brasileiro, talvez porque a maioria das crianças, e também adultos, acreditam que é no futebol que o Brasil faz a diferença. Aproveitando-se deste sentimento nacionalista, a professora Geni voltou suas ações para o nosso próprio país, já que grande parte dos integrantes do Clube não tinha conhecimento dos Estados e capitais brasileiras. Para tanto, ela confeccionou um material pedagógico específico:

- Dicionários e/ou Mapa Político do Brasil;
- Fichas sobre os Estados, Siglas e Capitais: Foram confeccionados três grupos de fichas com cartolina, cada grupo com uma cor, assim dispostas, 26 Estados, 26 Siglas e 26 Capitais que posteriormente foram plastificadas com papel adesivo com o intuito de preservar e reutilizar as mesmas fichas, seguindo o padrão que podemos ver abaixo:

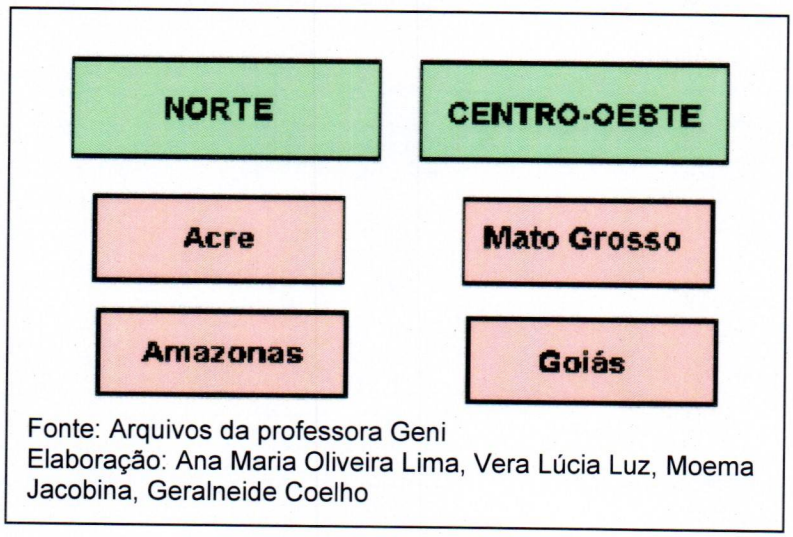
FIGURA 10 – Modelo de Fichas de Estados, Siglas e Capitais



Fonte: Arquivos da professora Geni
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

- Fichas sobre as Regiões: essas fichas seguem o mesmo padrão da anterior, entretanto se dividem em apenas dois grupos: as Regiões e os Estados, com coloração distinta para facilitar a percepção, como podem visualizar a seguir:

FIGURA 11 – Modelo de Fichas de Regiões e Estados



Fonte: Arquivos da professora Geni
Elaboração: Ana Maria Oliveira Lima, Vera Lúcia Luz, Moema Jacobina, Geralneide Coelho

Procedimentos:

O Concurso foi dividido em duas etapas. A primeira constituiu no estudo dos Estados, siglas e Capitais, independentemente das regiões, utilizando para isso o dicionário ou um Mapa Político do Brasil. Foi estipulado um período de duas semanas para que os educandos estudassem, e, a partir do momento em que se sentissem seguros, passassem a procurar a professora Geni. Esta, por sua vez, atendia cada uma das crianças individualmente, para que elas montassem as fichas da maneira correta. Na primeira etapa, os participantes tinham que dominar o conhecimento dos estados, siglas e capitais, montando as fichas segundo o modelo apresentado acima. Caso o participante não conseguisse fazê-lo, a professora o orientava, explicava o que havia de errado e ele poderia estudar e voltar novamente em outra ocasião. Assim que o participante conseguia completar a primeira fase, isto é, montar as fichas corretamente, ele era promovido à 2ª Etapa.

Nesta, o educando recebia um mapa do Brasil segundo as regiões administrativas: Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-oeste, para que com ele, estudasse a qual região os estados pertenciam, percebendo o número de estados correspondente a cada região. Novamente os participantes tinham um tempo para estudar e assim que se sentissem seguros, eram recebidos, individualmente, pela educadora Geni. Neste momento, eles deveriam montar o segundo grupo de fichas, isto é, colocar as regiões uma ao lado da outra na horizontal, e abaixo os estados a qual pertencem cada uma das regiões. Em caso de não atingirem o objetivo, eram orientados e poderiam estudar, para tentarem novamente em outro dia, durante o período

estipulado. Ao final, não houve três primeiros lugares, mas a entrega de certificados para todos aqueles que conseguiram cumprir as duas etapas. Para esta atividade não houve festa. Cabe ressaltar que no certificado havia um mapa do Brasil, com uma foto do participante no centro, fato que ajuda o aprendiz a perceber-se como parte do nosso país, numa representação semiótica, que se insere no campo das representações e cria no aprendiz o sentimento de inclusão na comunidade.

A fundamentação por trás da ação

O jogo lança sobre nós um feitiço: é 'fascinante', 'cativante'. Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia

J. HUIZINGA. (1938)

Tanto o concurso de Matemática, quanto o concurso de Estados e Capitais utiliza como instrumento pedagógico a ludicidade. O termo lúdico vem do tronco latino "ludus" que significa "jogo", sendo assim, de acordo com sua origem, essa palavra se limitaria ao movimento espontâneo de jogar e brincar. Entretanto, o lúdico faz parte das necessidades humanas, isto é, o homem reclama momentos de descontração.

Durante as atividades escolares os educandos ficam limitados às tensões de estudar, de passar, de "tirar nota", e mesmo quando brincam entre si, irritam o professor e são logo chamados de volta à tenção: *" João, o dia da prova está chegando, continue brincando assim e se dará mal!".* Frases como essa faz o aprendiz retornar ao seu estado de pressão psicológica que, muitas vezes, o impedirá de estar em condições propícias à aprendizagem, obviamente, certas brincadeiras são prejudiciais ao andamento das aulas, mas elas acontecem porque não há a criação de momentos de descontração propiciados pelo professor.

A escola tradicional calcada na transmissão de conteúdos não consegue comportar o lúdico, fato que dá origem a queixas, não somente de aprendizes, como também dos futuros educadores. Contudo, muito se fala de introduzir a ludicidade nas aulas, porém raramente se consegue êxito.

Engana-se ao achar que uma aula com características lúdicas necessita de jogos e brinquedos, limitando-se a isso, engana-se, também, por não dispor deles e nada

fazer para tornar as aulas mais descontraídas. Ao contrário disso, a ludicidade é fruto de uma "atitude" lúdica do educador e dos educandos, podendo envolver jogos e brinquedos desde que esses sejam voltados para a aprendizagem, sendo que eles não são condição *sine qua non* para uma aula diferente, não havendo jogos e brincadeiras, pode-se desenvolver momentos de vivência integrando a ação, o pensamento e o sentimento.

O aprendiz acredita que aprende brincando, mas não é isso que acontece. Ele aprende porque sua mente está aberta e disposta a aprender, portanto, absorve melhor os conteúdos abordados durante a brincadeira, o jogo, ou atividade em grupo em que sua ação seja imprescindível, isto é, sem a qual o andamento da aula não se daria satisfatoriamente, ao contrário da aula tradicional que tolhe a ação do aluno, que deve estar sempre sentado, ouvindo e se quiser conversar – mesmo que sobre o assunto da aula – deve solicitar a palavra e participar a todos, inclusive professora, sua dúvida ou comentário. Nessa realidade um aprendiz tímido jamais se manifesta e o "gaiato" aproveita para fazer brincadeiras desnecessárias que constrangem ou contrariam a professora e/ou colegas.

A atividade lúdica compõe todas as ações do CRL, mesmo que isso não apareça diretamente. É importante não esquecer que os materiais utilizados em suas aulas são de fácil confecção, e que, existem momentos lúdicos que não exigem esses materiais, como poderemos visualizar nas demais atividades a seguir.

Comemoração do dia da poesia

O dia da poesia é 14 de março, antecipando-se a essa data, a professora Geni procurou investigar o grau de contato dos membros do grupo com a poesia, a realidade não foi diferente daquela das escolas, as crianças praticamente não tiveram nenhum contato com poesias. A educadora resolveu oportunizar esse momento e adquiriu alguns livros de poesias.

Procedimentos

As crianças foram reunidas e os livros de poesias disponibilizados para que lessem e apontassem as poesias das quais mais gostaram e por quê. Essa simples atitude fazia com que aquele que falasse bem de uma poesia, fizesse com que outro tivesse a curiosidade de lê-la. Após este primeiro momento, ela pediu que cada um escolhesse a poesia que mais gostou para declamar no dia da poesia. Assim as crianças fizeram, os menores ouviam poesias, e uma menor ainda se arriscou a declamar: *"batatinha quando nasce se esparrama pelo chão, menininha quando dorme, põe a mão no coração"*. Ninguém era obrigado a declamar, mas somente aqueles que declamassem receberiam o certificado, reforçando a teoria Estímulo-resposta de Skiner, na qual as crianças são estimuladas a participar, embora não haja punição para aqueles que não o fizerem. Sendo assim, no dia 14 de março de 2006, durante uma comemoração com pais e amigos, todos os alfabetizados declamaram sua poesia. Artistas locais, parceiros do CRL, fizeram um som ambiente, Ubirajara Santos, Paulinho da Gaita, Lailza, todos conhecidos por tocarem e cantarem músicas da MPB, além de comes, bebes e entrega de certificados. A atividade foi tão bem recebida, que alguns membros desejam que ela se repita neste ano.

A fundamentação por trás da ação

> *A poiesis é uma função lúdica... Ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso.*
>
> Johan Huizinga

Poiesis é uma palavra de origem grega, cujo significado inicial era criação, ação, confecção, fabricação, e posteriormente passou a significar arte da poesia e faculdade poética. Na escola, a poesia virou um mito, ler e escrever poesias tornou-se um fato ridicularizável, ora por representarem a sensibilidade aflorada e mal interpretada pela maioria machista, ora por ter ganhado a posição de algo retrógrado, coisa da época dos avós, ultrapassada.

Entretanto, Johan Huizinga em seu livro *"Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura", traz uma visão mais interessante, para ele, *"todo poema tem origem no jogo: jogo do culto, da corte amorosa, jogo marcial da competição, jogo do humor*". O Estudo da poesia, de maneira geral, limita-se ao Ensino Médio, quando o professor de Língua Portuguesa trabalha os movimentos literários e dentro deles suas manifestações artísticas: poesia, arquitetura, escultura, pintura, desenho entre outras, mas e a criança a qual o autor se refere acima? Ficará então a criança fadada a esperar a adolescência para ter contato com a arte poética? Talvez por isso o jovem tenha tanta resistência na hora de estudá-las, pois são coisas que não faziam parte de seu mundo e que, repentinamente, necessita aprender, analisar e classificar.

A criança que tem contato com a poesia, pode encontrar nela um momento de sonhos e fantasias, mesmo quando a criança não as lê, ainda assim ouvi-las é interessante, a musicalidade da poesia lírica, ou o sentimento da poesia dramática, as características históricas da poesia épica.

A dificuldade maior da escola está em despertar o prazer pela leitura de poemas. Como já vimos anteriormente, o jovem não foi despertado nem para o prazer da leitura, quiçá, da leitura da poesia. Por isso é tão importante que o contato com a poesia aconteça ainda na infância, antes que ele tenha conceitos pré-estabelecidos, e esteja mais aberto para o novo. Conhecer, ler ou produzir poesia é mais do que fazer arte, é romper as fronteiras que o texto formal exige, é dizer aquilo que ainda não foi traduzido em palavras, ao menos não da maneira com que o autor sente, é ainda mais que isso, é ser revolucionário, com seu caráter lúdico e transgressor, pois Haesbaert (2002) defende que a poesia não pertence a lógica do mundo da compra-e-venda ele afirma ainda que:

> A poesia é gratuita, "não tem finalidade", sua utilidade é sua in-utilidade: mostrar ao mundo da produção e do consumo sua contra-face, oculta, sufocada – o mundo da imaginação e da sensibilidade, "incontrolável" mundo dos sentidos do qual a razão nunca vai tomar posse. (HAESBAERT, 2002, p.147)

O CRL valoriza além da leitura, o engrandecimento artístico desenvolvendo a inteligência que Gardner chamou de **existencial**, pois é com ela que refletimos sobre nós mesmos, nossas ações e sentimentos, tendo a opção de exprimi-los poeticamente.

Concurso do Hino Nacional

O hábito de cantar e conhecer o hino nacional tem diminuído dia após dia, as crianças pouco ou nada sabem do hino, e mesmo quando conseguem cantá-lo, ainda assim não o compreendem, confundem palavras, apenas para acompanhar o cântico. Sendo assim, dada à proximidade da copa do mundo e do dia do hino nacional, 13 de abril, a profª Geni organizou os membros do clube, dando-lhes cópias do hino nacional.

Procedimentos

As crianças fizeram leitura coletiva, durante a qual a professora Geni corrigia os enganos na pronúncia das palavras, depois ela passou a explicar cada momento do hino, abrindo espaço para que as crianças expressassem seus pensamentos, a fim de que as crianças pudessem delegar sentidos a ele.

Posteriormente, as crianças passaram a estudar o hino para conseguir recitá-lo inteiramente, sem cometer erros, esse momento teve o acompanhamento da professora Geni, seguindo a mesma seqüência do concurso de estados e capitais, em que as crianças, ao sentirem-se seguras recitavam o hino, caso fracassassem, dispunham de mais tempo para estudar e tentar novamente outro dia. Por fim, no dia 13 de abril, durante uma festividade com comes, bebes e música, as crianças que se dispuseram, e sentiram seguras, declamaram o hino na íntegra para os pais, amigos e vizinhos, ao final, todos, entoaram juntos, o canto do Hino Nacional. Todos que conseguiram cumprir a tarefa de declamar o hino com a professora Geni receberam uma lembrança, na qual estava um mapa do Brasil com uma foto do membro no centro do mapa.

A fundamentação por trás da ação

Se considerarmos a Bandeira Nacional é um símbolo visível, podemos conceber o Hino Nacional como algo que constitui a exteriorização musical que proclama e simboliza a Nação.

O hábito de cantar hinos surgiu a partir do século XIX com os povos da Europa criaram o uso de cantar os hinos, cujos cações eram relativas aos acontecimentos dignos de memória para seu povo, por isso, um movimento de opinião levou a que cada Estado estabelecesse uma composição, com letra e música que fosse representativa e oficial par toda a pátria.

Muitas pessoas afirmam que o hino nacional brasileiro, possui uma letra difícil e é assim que explicam a falta de interesse e conhecimento sobre o hino. Entretanto, ele está cheio de informações históricas, possui uma melodia que estimula a emoção e portanto, devemos estudá-lo, mostrando para os aprendizes, já no Ensino Fundamental a sua importância e seu significado.

Atualmente, só vemos pessoas erguendo a bandeira do Brasil, usando roupas verde e amarelas, cantando o hino, somente em momentos de intensa nacionalidade como as "festividades" dos "500 anos", em eventos esportivos como jogos internacionais de futebol, Olimpíadas, corridas de F-1 ou em atividades governamentais e das forças armadas. Contudo, há um fato que não podemos ignorar, o de que muitos atletas, durante a execução do hino, não se arriscam a cantar por medo de errar, e muitos erram! Aldo Pereira afirma que:

> O hino é uma amostra dos valores brasileiros, exemplo da poesia, da música e das qualidades morais de nossa gente... na medida em que une e concilia a nação, o hino contribui para a colaboração do bom êxito das positivas transformações em curso no país.
>
> (PEREIRA, 1995, p.26)

Sendo assim, é importante que o brasileiro saiba o que ele, de fato, representa e representou para Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927), no ato de sua construção.

Obviamente o vocabulário utilizado no hino é rebuscado, entretanto, a criança deve conhecer o significado das palavras que desconhece, porque não será somente no hino que irá encontrá-las, mas também, no Ensino Médio nas clássicas obras literárias, cujos vocábulos são arcaicos.

Num mundo que está cada dia mais globalizado, onde o conceito de "país" perde sua força – permanecendo confuso dentro do contexto de blocos econômicos – o

resgate da história e tradições locais é imprescindível. Está claro que o processo de globalização é um caminho sem volta, mas se compreendemos que esse fenômeno, muitas vezes, engole as nações menores, devemos lutar para que nosso país seja atingido da "melhor forma possível", para que não percamos nossa identidade de país, para que estejamos sempre conscientes de nossa história, cultura e importância perante o mundo.

Se as simbologias dos hinos tendem a desaparecer, por que, então, os Estados Unidos, mantém esse hábito fervorosamente, lembrando-se sempre da importância e poder de sua nação? Queremos nós, brasileiros, estarmos à margem uma vez mais? O Brasil perdendo o seu sentimento de nação, de sua importância diante do mundo, ele se enfraquece torna-se corruptível pelo pensamento hegemônico.

O Concurso do Hino Nacional do CRL desperta as crianças para uma nova realidade, para a importância do hino na vida do brasileiro e não somente nos eventos esportivos.

Campanha Ação Cidadã

No mês de outubro de 2006 uma família bastante numerosa se mudou para a rua Jequié, ela passava por sérias dificuldades financeiras. A professora Geni, tomando ciência dessa situação, resolveu tomar a iniciativa de buscar ajuda solidária para essa família.

Procedimento:

A professora Geni reuniu os integrantes do CRL, mostrou a situação da família em questão, apontando para o fato de que não havia dinheiro sequer para comprar alimentos, uma vez que o pai, arrimo da família, era alcoólico[4] e havia perdido o emprego. Diante disso a professora abriu espaço para que as crianças falassem o que achavam que deveria ser feito. A maioria afirmou que todos deveriam ajudar de alguma maneira. Deste modo, a professora Geni, após ter conversado também com

[4] O termo Alcoólico é sinônimo de Alcoólatra, e recentemente, tem sido um termo mais utilizado nos ambientes de AA- Alcoólicos Anônimos.

pais e vizinhos, iniciou a campanha. Toda semana, as crianças eram divididas em grupo e cada grupo deveria dar um tipo de alimento:

- Pão;
- Leite;
- Margarina;
- Arroz;
- Feijão;
- Macarrão;
- Farinha;
- Fubá;
- Óleo de soja;
- Café;
- Açúcar;
- E até roupas.

Esta campanha se manteve até o mês de dezembro quando a família se mudou do bairro devido ao fato de não conseguirem pagar o aluguel, para bairros mais periféricos e baratos. O maior retorno dessa ação foi o desenvolvimento do sentido de solidariedade, ajudar sem esperar nenhuma recompensa por isso.

A fundamentação por trás da ação

Tolerância, respeito, justiça, coragem, amizade, solidariedade
são virtudes necessárias à experiência humana da convivência.
Tognetta e Assis[5]

A criança pequena necessita ser orientada, quem dá noção de limites e diz o que pode e não pode fazer é o adulto, pessoa que a alimenta, a veste, a livra dos perigos. Destarte, a criança vai considerá-lo como aquele que tudo sabe e tudo pode, logo, o papel de apontar para a criança as ações justas e necessárias é da família, das pessoas que a cercam e também do educador.

Nas séries iniciais, o professor detém o status de exemplo, pois o educando o percebe como "*fonte do saber*" e, por isso, o educador deve estar atento para não afrontar e desvalorizar o que o educando aprende em casa, mesmo que o que tenha aprendido seja imperfeito.

O educador não pode simplesmente desconstruir o mundo de seu educando, deve estar atento ao fato de que nem sempre ele terá acesso as informações corretas, e os pais, seus maiores exemplos não podem ser desmoralizados, deve-se mostrar que pode ter havido algum engano por parte do pai, ou do próprio entender do aprendiz, que as concepções dos pais podem ser diferentes das da escola em função do contexto histórico e cultural do indivíduo.

[5] Artigo disponível para *download* no *site*: http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a04v32n1.pdf

Do mesmo modo que o professor deve ampliar os conhecimentos prévios e auxiliar na construção da cidadania por intermédio de práticas pedagógicas específicas, que os pais, muitas vezes não tem tempo de exercitar, ou simplesmente ignoram.

A solidariedade demanda um *"caráter especial: o sair de si e contemplar o outro em sua condição, também humana, demanda um gesto de acolhida, de doar-se"* Tognetta e Assis (2006, p. 51), mas a doação é algo complexo. Inicialmente a criança tende a ser egoísta, impedir que o outro brinque com seu brinquedo, resistir na hora de devolver um brinquedo que não lhe pertence somente porque o agrada.

O professor deve mostrar que nem sempre o que temos nos é tão necessário como para outros. Entender que os mais necessitados devem receber ajuda, e não serem ignorados.

O dicionário aponta várias definições para solidariedade, nós preferimos aquela que afirma que solidariedade é "*o compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas pelas outras e cada uma delas por todas*". Isso significa que nós temos obrigação de lutar pelos direitos de todos, mesmo que esses direitos nos estejam assegurados, para que eles sejam estendidos a todos os cidadãos.

A campanha Ação Cidadã do CRL permite que os alunos tenham contato direto com uma realidade diferente da deles e percebam-se como agentes capazes de amenizar as dificuldades, sentindo-se úteis e importantes dentro desse processo.

Diante de uma educação cidadã, todos ganham a escola por ser fiel ao seu papel; o educando por adquirir autonomia e criticidade, responsabilidade e organização; a comunidade por sentir-se mais integrada.

Festividades de integração

Ao final de cada campeonato, de cada etapa cumprida pelo CRL, a professora Geni realiza festividades voltadas para os membros do clube, pais, vizinhos e amigos. Além das festas de encerramento dos campeonatos houve outras, voltadas para datas específicas. As festas são realizadas na Rua Jequié, que recebe o preparo necessário, com ornamentação específica. Assim, as festas são compostas por

- Mesas e cadeiras;
- Comes e bebes, com bolo, salgados, doces, refrigerantes ou sucos e outros;

- Música: com artistas parceiros que não cobram para participar, dando todo o apoio necessário;
- Ornamentação de acordo com o tema da festa;
- Exposição de fotos das atividades relativas ao CRL;
- Máquina fotográfica digital para registrar os momentos da festa;
- Entrega de certificados, premiações e lembranças.

Dentre as festividades estão:

➢ **Festa para as mães:** realizada para as mães dos integrantes do CRL, em que todas as mães receberam uma lembrança, mantida em sigilo pela professora Geni e pelos respectivos filhos, para revelar-se numa surpresa. Durante a entrega das lembranças, cada criança colocou um crachá em sua mãe com formato de flor, ao som da música "Flor mamãe" cantada por Ubirajara Santos. Essa atividade aproximou mães e filhos, além de propiciar um momento de interação entre as mães e a professora Geni.

➢ **Festa de Aniversário Surpresa para a professora Geni:** As crianças, juntamente com pais, vizinho e amigos se uniram para fazer uma festa de aniversário surpresa para a professora Geni no dia 18 de julho. Houve bolo, comes e bebes, música com Ubirajara Santos e Paulinho da Gaita, além da entrega de um buquê de flores e presentes em retribuição ao carinho e dedicação dispensados pela professora. As atividades foram feitas em sigilo, que findou em uma grande surpresa para a educadora.

➢ **Feijoada para das Crianças:** Em retribuição a festa surpresa, a professora Geni organizou uma feijoada no dia 30 de julho de 2006. A feijoada alimentou 70 pessoas entre pais, membros do clube, vizinhos e amigos.

➢ **Comemoração do dia das Crianças:** para comemorar o dia das crianças, os menores ganharam presentes. Todos foram tomar sorvete, os

menores nas primeiras horas da tarde e os maiores ao entardecer. À noite entre todas as mães convidadas, apenas algumas compareceram, e, sem saber da surpresa, foram comer pizza na Degust, no alto da Missão.

➢ **Comemoração de seis meses de existência do CRL:** esta foi uma festa com exposição de várias fotos, em que cada componente recebeu uma foto sua de recordação. Foram entregues também os prêmios de destaque dos últimos seis meses. Entre os premiados, quatro pediram o abadá do Bloco Banana Maluca, dada a proximidade da micareta e a faixa etária ser mais elevada, os outros dois premiados, escolheram roupas. Para tornar a festa mais interessante, o bolo foi temático, contendo elementos que representavam o clube como vassouras, pás, vasos de lixo. Houve músicas com Paulinho da Gaita.

➢ **O Clube da Rua Limpa na Comunidade**

- Projeto Especial da Rádio Jacobina FM: o CRL foi convidado a participar da programação da rádio para falar sobre o clube, às atividades que o envolviam e o quê os integrantes achavam da iniciativa. Para esse projeto, compareceram, além da professora Geni, quatro integrantes do Clube. Durante a programação, várias pessoas ligaram parabenizando à iniciativa da professora Geni, como é possível visualizar nos bilhetinhos nos anexos.
- Palestra no Colégio Modelo: o CRL foi convidado a apresentar palestras no dia 14 de julho sobre a preservação do meio ambiente, a partir da iniciativa individual de cada um para não sujar. Três integrantes acompanharam a professora Geni, Daniel, Felipe e Mirele, com idades de respectivamente, 8, 6 e 7 anos. Cabe ressaltar que as palestras foram realizadas para as salas de 3º ano do Ensino Médio, o que caracteriza as ações do CRL como sendo de grande importância para todas as idades.

Adaptando a proposta pedagógica do Clube da Rua Limpa para a escola

A realidade da escola pública é muito diferente daquela em que são realizadas as atividades do CRL. Nenhum professor está disposto a arcar com o custo de festas, comes e bebes, com seu pequeno salário, e, não queremos aqui, tirar a sua razão.

A psicopedagogia defende a integração das ciências pedagógicas, psicológicas, fonoaudiólogas e neuropscicolingüísticas, para melhor compreensão do fenômeno da aprendizagem humana, todavia, os professores, em grande parte, não possuem a formação de psicopedagogos e não dispõem de um para auxiliar em sua prática.

Antes de adaptarmos a prática pedagógica do CRL, faremos uma análise do desempenho do mesmo segundo as entrevistas efetuadas entre 07/02 e 28/02 de 2007.

A primeira informação que nos chamou atenção é que, os formulários pedem que os entrevistados atribuam notas de zero a dez às ações do CRL, da professora Geni, à qualidade técnica das atividades realizadas e, em todas elas, 100% dos entrevistados deram nota DEZ e sobre isso afirmam que a professora Geni é carinhosa, responsável, solidária, lutadora e afetiva. José Carlos Oliveira da Cruz Lia, de 13 anos, participa do CRL há 1 ano e três meses e sobre a professora afirma *"Ela é boa porque procura sempre mostrar o caminho certo, tornando-nos cidadãos cooperadores e preparados para a vida."*

Entre os membros do grupo entrevistados, que foram ao todo 15 integrantes, 70% afirmam que não gostava de ler antes do Clube da Leitura, e aqueles que liam, o faziam por obrigação na escola, atualmente, eles afirmam gostar de ler, e lêem, em média três livros por mês. Sobre isso os pais afirmaram, unanimemente, que houve uma melhora significativa na leitura de seus filhos, e que isso resultou no avanço no aproveitamento na escola.

Além disso, os pais afirmam que seus filhos tornaram-se mais obedientes e conscientes da limpeza, Ivonete Almeida Ribeiro Barbosa, mãe de Caio Ribeiro Barbosa de seis anos, afirma que seu filho participa do clube com prazer e diz ainda: *"Na escola ele só joga lixo no vaso e ensina aos colegas"*. Os que nos faz perceber que os integrantes do CRL são multiplicadores daquilo que aprendem.

Apesar de todas as atividades didático-pedagógicas que o Clube realiza, seus integrantes, quando questionados sobre quais as ações que o CRL desenvolve que eles gostariam que a escola seguisse o exemplo, 68% afirma que gostaria que a escola mantivesse a limpeza, e mais que isso, afirmam que os colegas não têm educação, acham o espaço limpo e o sujam, sendo assim, eles gostariam que seus colegas tivessem consciência de limpeza.

Já é sabido que os integrantes que mais se dedicam são premiados, entretanto, procuramos saber o que é feito com aqueles que se tornam displicente, a resposta que representa, grosso modo, o que 90% respondeu é de Mirelle de nove anos: "*dá um presente menor, chama pra conversar*", ou seja, não há punição, ou castigo, apenas uma valorização maior daqueles que se aplicam, a fim de que, os demais sigam o exemplo, sendo que o acompanhamento e a orientação são elementos prioritários da educação.

Um fato que não foi citado anteriormente está relacionado com uma forma de premiação que muitos gostam. Aqueles que cumprem suas obrigações podem utilizar o computador pessoal da professora Geni, os maiores entram na Internet, e os menores, ficam vendo as fotografias do portfólio.

Alguns moradores da rua, avós de integrantes do Clube, estão se mobilizando para pedir que a professora Geni faça um Clube de Leitura voltado para a "melhor idade"[6], em função do sucesso experienciado pelas crianças e adolescentes do grupo.

Uma opinião em especial chamou-nos a atenção, foi de Marlete Bispo de Miranda, que tem duas filhas pertencentes ao CRL, ela afirmou que a nota atribuída à capacidade da professora Geni para a realização das atividades do clube era 10

> "*porque ela age através do diálogo, da conversa com pais e filhos, a pró Geni tem uma maneira especial de falar e lidar com as situações, na minha opinião, Geni é um pai, pois não tenho o pai das minhas filhas presente e ela tem me ajudado bastante, oferece ajuda.*" *(Marlete Miranda, mãe)*

Todos falam sempre muito bem da educadora, e quando questionados sobre o que acham mais interessante entre tudo o que fazem Fernanda Alves dos Santos, de 16 anos, afirma: "*Todas as pessoas que passam pela nossa rua elogiam. O CRL tem contribuído para a nossa educação, até quando saímos para o centro da cidade, não*

[6] Melhor idade refere-se a terceira idade, este é o termo utilizado pela Professora Geni e mais bem aceito entre os idosos.

jogamos nem um papel de bala na rua". A limpeza da rua é o orgulho do Clube, todos afirmam que os subprojetos contribuem para sua vida escolar, mas é na limpeza que vêem sua maior contribuição.

Por isso, ao ser analisado o fracasso escolar de um aluno, não se pode desconsiderar as relações entre escola e sociedade. Quais produções estão sendo oferecidas a estes alunos? Quais oportunidades reais lhe são dadas?

O CRL Oportuniza uma série de momentos que auxiliam no engrandecimento do conhecimento. Para sermos mas específicos, falaremos sobre como, cada um dos projetos, pode ser adaptado para a escola.

O Clube da Leitura:

A maior dificuldade em formar alunos leitores está no fato que os professores não lêem, essa é uma característica marcante dentro da prática da professora Geni, pois, se ela faz um acompanhamento de todas as leituras de seus aprendizes, logo ela terá que ler, previamente, todas as obras disponibilizadas aos educandos. Dá-se, então, o primeiro embate, o professor tem que ser leitor. Entretanto, compreendendo que as salas de aula são numerosas e que o tempo é curto, temos então, duas realidades distintas, a do Ensino Fundamental, nas séries iniciais, e a do Ensino Fundamental do 2º Ciclo e Ensino Médio. As atividades de leitura devem iniciar já na 1ª série do Ensino Fundamental, antiga alfabetização, em que os alunos devem ouvir e recontar histórias. É possível, também, que a escola disponibilize livros para empréstimos, que sejam encaminhados para os responsáveis lerem e durante o espaço reservado para a leitura, as crianças poderiam contar as histórias que ouviram dos pais, para os colegas.

Nas séries mais avançadas, a leitura deve ser cobrada, pelo menos um livro por unidade, e da 6ª à 9ª séries, livros da série "*Vaga Lume*" são os mais indicados, porque são leituras agradáveis e simples. Não adianta encaminhar para esses alunos, clássicos da literatura brasileira, como José de Alencar, Machado de Assis, Aloísio Azevedo, cujas linguagens contêm um alto nível de erudição e por isso, dificulta o entendimento daqueles que estão iniciando no mundo da leitura.

Os clássicos devem ser cobrados durante o Ensino Médio, paulatinamente aos estudos dos estilos literários, para fixarem melhor as características de cada movimento.

Além de um livro por unidade, que fará parte das avaliações que compõem a nota, pode-se, também, estabelecer o Clube da Leitura, num horário à parte, com o apoio de mais de um professor de Português, para que todos os alunos, de todas as séries, cada qual com seu estilo, possam debater as obras lidas entre si, ao passo que o educador irá acompanhar o número de leituras de cada um. Ao Final do ano, a escola pode providenciar um prêmio de mérito em Leitura para aqueles que se mostraram mais interessados. O professor pode, inclusive, estabelecer parcerias com o comércio, políticos, para entrega de algum prêmio, além de parcerias com cursinho pré-vestibular, quanto à entrega de bolsas de estudo para alunos do 2º e 3º ano, que fizeram o maior número de leituras durante o ano.

A participação no Clube de Leitura não seria obrigatória, e no primeiro ano, ela será restrita a um número pequeno de aprendizes, entretanto, ao perceberem o reconhecimento que podem receber perante seus colegas, e a perspectiva de poder fazer um cursinho pré-vestibular (pois estamos falando de uma classe média-baixa), pode aumentar o interesse ao longo dos anos, e ainda, o Clube de leitura tornar-se tradição dentro da escola.

A entrega da premiação pode ser feita dentro da escola, ou fora dela, aproveitando-se de eventos realizados na concha acústica de Jacobina, para fazê-lo diante de toda a sociedade.

Por mais que pareça utópico, o trabalho é possível, e decerto, auxiliaria consideravelmente na formação do leitor proficiente.

O Concurso de Matemática

Dentro da escola o concurso de matemática pode ser feito num momento à parte, como uma gincana, em que os alunos interessados possam se inscrever e participar. Para tanto, os professores de matemática teriam que, juntos, elaborar um projeto e encaminhar para a coordenação. Essa atividade não seria obrigatória, mas

voluntária, seguindo os mesmos padrões do concurso de matemática do CRL, lembrando da necessidade de dividir os alunos em categorias, por série ou idade. Ao final, os vencedores receberiam uma medalha de mérito e, a depender da articulação dos professores, até disponibilizar uma premiação simbólica.

Comemoração do Dia da Poesia

A poesia pode e deve ser trabalhada em sala de aula em todo o Ensino Básico, com leituras, análises e discussões durante todo o ano. Entretanto, próximo ao dia da poesia, os professores (das diversas disciplinas) deveriam direcionar seus trabalhos para o uso de poesias, e assim, a escola realizar um evento chamado de Dia da poesia. Esse evento poderia acontecer durante uma aula após o intervalo, criando-se um recital, com o apoio da professora de Artes. Os alunos se inscreveriam e apresentariam poesias para os colegas. No último horário, os aprendizes deveriam voltar para as atividades normais de aula, evitando que se evadissem da escola.

Concurso do Hino Nacional

O hino nacional pode ser utilizado durante aulas de português, desde as séries iniciais, quando o educando aprende a manusear o dicionário, a fim de procurar o significado das palavras desconhecidas. O professor deve, portanto, auxiliar o aluno na compreensão dessas palavras, como pode perceber abaixo:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
Plácidas: serenas, tranqüilas.

De um povo heróico o brado retumbante
Brado: grito
Retumbante: que retumba, refletir ou repetir com estrondo.

E o Sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Fúlgidos: brilhantes

Se o penhor desta igualdade
Penhor: garantia, prova

O lábaro que ostentas estrelado,
Lábaro: estandarte dos exércitos romanos
Ostentas: mostrar, exibir

Durante o Ensino médio o uso pode ser voltado para forma de discurso direto ou indireto, como podemos ver no exemplo:

Hino Nacional

Ordem Indireta	**Ordem Direta**
I	**II**
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas De um povo heróico e o brado retumbante, E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, Brilhou no céu da Pátria nesse instante .	As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico, E, nesse instante, o sol da liberdade brilhou em raios fúlgidos no céu da Pátria.
Se o penhor dessa igualdade Conseguimos conquistar com braço forte Em teu seio ,ó Liberdade Desafia o nosso peito a própria morte!	Se conseguimos conquistar com braço forte o penhor dessa igualdade, em teu seio ,ó liberdade, o nosso peito desafia a própria morte!
Ó Pátria amada Idolatrada Salve! Salve!	Ó Pátria amada Idolatrada Salve! Salve!
Brasil, um sonho intenso, um raio vívido De amor e de esperança à terra desce, Se em teu formoso céu risonho e límpido, A imagem do Cruzeiro resplandece.	Brasil, se a imagem do Cruzeiro resplandece em teu céu formoso, risonho e límpido, um sonho intenso, um raio vívido de amor e de esperança desce à terra.
Gigante pela própria natureza És belo, és forte, impávido colosso, E o teu futuro espelha essa grandeza.	És belo, és forte, impávido colosso, gigante pela própria natureza, e o teu futuro espelha essa grandeza.
Terra adorada, Entre outras mil , És tu Brasil, Ó Pátria amada!	Ó Pátria amada , Brasil ! És tu, terra adorada Entre outras mil.
Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil,	Pátria amada, Brasil! És mãe gentil dos filhos deste solo !

*** É importante notar que o Hino Nacional na ordem direta é uma versão livre e sem maiúsculas obrigatórias no início de cada frase.**

Nas disciplinas de História e Geografia, podem ser utilizadas quando o tema for nação, independência do Brasil, podendo seguir os seguintes passos:

- Deve-se propor à turma um tema para reflexão: Como o brasileiro se relaciona com os símbolos nacionais, em especial o Hino Nacional? A

questão poderá transformar-se numa discussão em sala ou mesmo numa redação.

- O segundo passo seria um seminário sobre a seguinte questão: Como podemos explicar a nacionalidade de um povo que prefere utilizar símbolos de outras nações, como camisetas e bonés com a bandeira norte-americana?
- Sobre o que é independência: aproveitando-se da proximidade do Sete de Setembro deve-se propor a discussão do significado de "independência". O Brasil é, de fato, independente?

Sobre o hino diretamente, pode-se fazer uma análise em quatro momentos, sobretudo em Língua Portuguesa:

1. Proponha à turma discutir o significado da palavra "hino". Deve ficar claro que o hino é feito para exaltar algo. Distribua a letra do hino. Junto com a classe, destaque as palavras menos comuns, como "penhor" e "clava". Peça para pesquisarem o significado no dicionário e formarem frases com elas.
2. Passe para a compreensão do texto. Por que o autor usa um número tão grande de adjetivos? E o Riacho do Ipiranga, ele é tão importante assim? Se o Brasil for ameaçado, o que o texto diz que os brasileiros farão?
3. Apresente o hino na ordem direta. Explique que na literatura, muitas vezes, a ordem natural das frases é mudada para chegar às rimas ou obedecer à métrica. Prove isso pedindo à classe para cantar o hino com a letra na ordem direta.
4. O hino está repleto de figuras de linguagem. Mostre-as para os alunos, mas peça que procurem outros exemplos. Entre as figuras de linguagem está a metonímia, que designa um objeto por outra palavra que tenha relação com ele. É o caso de "terra adorada", usada como sinônimo de "Brasil". A hipérbole, o exagero como artifício estilístico, está presente na expressão "entre outras mil". O "Ó Pátria amada" é uma apóstrofe, um apelo direto a um ser real ou fictício.

Concurso de Estados, Siglas, Capitais e Regiões

O Professor, sobretudo de 6ª série de Geografia, pode utilizar-se da metodologia do CRL, com algumas modificações. Sabendo-se da grande quantidade de educandos que uma sala de aula do ensino público abarca, e tendo consciência que o professor de geografia necessita assumir várias turmas para completar sua carga horária, propomos a seguinte metodologia:

O professor dá sua aula sobre o tema, utilizando para isso um mapa, pede que eles copiem no caderno todos os Estados, suas capitais e siglas correspondentes. Lê em voz alta cada um deles, explicando o porquê de cada Sigla. Orienta os educandos a estudarem em casa. Numa próxima aula, tendo confeccionado o material descrito no capítulo anterior, divide a sala em dois grupos. Explica que cada grupo indicará um colega por vez par ir ao quadro simultaneamente. Para aperfeiçoar o tempo de uma aula que é curto, a professora estipula o tempo de 5 minutos para tentarem montar as fichas da maneira adequada.

Ao fim do tempo, aquele que tiver conseguido completar as fichas, ou acertar o máximo de estados, marca um ponto para seu grupo. Então outro componente é designado a ir ao quadro, em duas aulas, todos devem ter ido ao quadro, e a equipe que tiver somado mais pontos vence. Essa atividade não necessita de uma premiação específica, pois faz parte da aula, esse método também pode ser aproveitado pelo professor de matemática com os jogos que o CRL utiliza.

Campanha de Ação Cidadã

A escola pode se articular no sentido de conscientizar seus aprendizes acerca da importância da solidariedade e da cidadania. Para tanto, a escola pode escolher uma instituição que necessite de ajuda, como a "Casa do Menor" o "Abrigo de Idosos", para o qual direcionará uma ação que seja necessária. No caso da Casa do Menor, a arrecadação de alimentos para entrega é importante, para os Idosos, pode-se agendar visitas visando a integração e buscando levar alegria para esses estabelecimentos, as visitas pode ser voltadas, também, para a APAE, buscando eliminar preconceitos. Existem muitas ações possíveis, e todas elas trazem um

benefício social incomensurável, seja para aqueles que são atendidos, seja para o grupo de ação que tem sua visão de mundo ampliada.

As festividades de integração

A escola já tem algumas festividades que fazem parte do calendário escolar, algumas valorizam o dia das mães e pais, a festa Junina, entre outras. O que falta à escola é a busca por parceiros, essa busca pode ser feita pelo diretor, mas pode ser também, pelos professores. Pode ser que haja algum grupo musical no próprio colégio, uma pessoa que saiba tocar algum instrumento, outra que saiba cantar, que podem aproveitar o espaço das festividades para apresentar seu trabalho, sendo valorizado por isso, e engrandecendo o evento. Os comes e bebes podem ser trazidos pelos alunos, com um pouco de organização, cada sala trazendo uma coisa, todos podem fazer uma merenda coletiva.

A Escola e a comunidade

A escola, sempre que possível, deve não somente trazer a comunidade para dentro de seu espaço, como ir até a comunidade, com aulas de campo, panfletagem de conscientização política, visita aos locais de vivência dos seus aprendizes, fazendo mais do que o básico. O educando deve perceber que a comunidade faz parte da escola e é influenciada por ela, portanto a escola – entendida aqui como um conjunto de atores, como professores, alunos, funcionários e não somente direção- deve estar presente também nas rádios, jornais e movimentos políticos.

Considerações finais

O fracasso escolar é mais do que o fracasso do aluno, é o fracasso do professor, do sistema de ensino, enfim, o fracasso é da escola como um todo, Vannda Santana (2005, p.28), aponta a possibilidade de que o fracasso escolar seja causado por uma conjugação de fatores interligados que impedem o bom desempenho do aluno-aprendente. Para ela, são cinco os aspectos a que o sucesso ou fracasso escolar estão ligados:

- **Aspectos orgânicos**: são aqueles relacionados á construção biofisiológica do sujeito aprendente. São alterações orgânicas que comprometem o desenvolvimento cognoscitivo do aluno como, por exemplo, alguns problemas do sistema nervoso central que poderão acarretar problemas na fala, ou no processo de leitura e escrita (disfaxias e afaxias)

- **Aspectos cognitivos**: estes aspectos estão ligados ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognoscitivas em seus diferentes domínios.

- **Aspectos emocionais**: ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender. O não aprender, envolve uma esfera ampla, pode estar intimamente ligado ao emocional do aluno, sua relação familiar, etc.

- **Aspectos sociais**: diz respeito à sociedade em que estão inseridas. Qual a ideologia dos vários segmentos da sociedade em que este aluno está incluso. Uma escola que "finge" aceitar a diversidade cultural dos alunos, mesclando classe social sob a égide de "inclusão social", mas que na prática se distancia do seu discurso, provocando mais alunos fracassados do que alunos capazes de ser autônomos.

- **Aspectos pedagógicos**: está ligado, sobretudo, às questões de metodologia do ensino, à avaliação, à dosagem de informações, à estrutura das turmas, etc. Estes influem na qualidade do ensino e interfere no processo ensino-aprendizagem. (SANTANA, 2005, p.28),

Todos estes aspectos, se levados em consideração, auxiliarão num prognóstico indicativo que permite a superação da dificuldade do aprendente e a alternativa seria uma mudança de atitude urgente, tanto da escola, quanto do professor.

É fácil jogar a culpa do fracasso escolar para o professor e sua prática, este por sua vez, carrega nos ombros responsabilidades que muitas vezes não lhe cabem,

contudo o professor deve fazer a sua parte, efetivando inovações no seu método de ensino, buscando alternativas pedagógicas diferenciadas diante das situações problema que presencie. Esse é o mínimo que o professor deve fazer.

Embora toda a prática do CRL tenha dado resultados positivos, seus procedimentos estão calcados em diversas teorias, contudo a professora Geni não tem consciência desse embasamento, suas ações são fundamentadas no conhecimento empírico fruto de sua vivência e experiência docente.

Esse projeto possui um diferencial importante, o fato de a professora Geni estar implicada em fazer o clube funcionar com eficiência, para tanto, assume o papel de professora, conselheira e às vezes até pai e mãe.

O Clube da Rua Limpa ainda é uma iniciativa tímida diante de uma sociedade tão complexa e grande, mas, como afirma um velho ditado chinês, "*Uma caminhada de mil léguas começa com o primeiro passo*", esperamos que, com esse trabalho, possamos despertar nos educadores que o lerem, o desejo de dar um primeiro passo rumo à nova concepção de educação: *A educação para a Cidadania.*

Referências

ALVES, L. R. G., PRETTO, N. L. *Escola*: espaço para a produção de conhecimento. Comunicação & Educação (SP). São Paulo: , v.16, p.29 - 35, 1999. Disponível no site www.lyn.pro.br/pdf/atr_eca.pdf. Acessado em 25/09/2006.

DAYRELL, Juarez T. *A educação do aluno trabalhador*: uma abordagem alternativa. Educação em Revista. Belo Horizonte, Junho, 1992.

DEMO, Pedro. *Sociologia uma introdução crítica*. São Paulo: Atlas, 1995.

_____ *Educar pela pesquisa.* Campinas, SP: Autores associados, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas*: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médias, 1995.

HADJI, Charles. *A avaliação desmistificada.* Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos.* São Paulo: Editora contexto, 2002.

HOFFMAN, Jussara. *Avaliação e mito:* o desafio da perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____. *Contos e contrapontos:* do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: mediação, 2001.

HUIZINGA, J. *Homo ludens:* o jogo como elemento de cultura. SP: Perspectiva, 1980.

LUDOVICE PAIXÂO, Maria de Lourdes. *Educar para a cidadania*. Lisboa: Lisboa Editora, 2000.

LUCKESI, C C. *Avaliação Educacional Escolar:* para além do autoritarismo. 1986.

_____. *Avaliação da aprendizagem escolar:* estudos e proposições. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, Aldo. *O Hino Nacional Brasileiro* .Rio de Janeiro: Grifo, 1995.

PERRENOUD, Philippe. *A Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens –entre duas lógicas. Tradução Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

POZO, Juan I., *Aprendizes e Mestres*: A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão*: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTANA, Vannda. *Psicopedagogia - o ato de aprender:* uma construção afetiva para o conhecimento do ser, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. Lisboa: Afrontamento, 13ª Edição, 2002.

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. Editora da USP, São Paulo, 1974.

SOARES, I. de O. *Sociedade da informação ou da comunicação?.* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

TOGNETTA. Luciene R. P.;e ASSIS, Orly Z. M. de. *A construção da solidariedade na escola*: as virtudes, a razão e a afetividade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.1, p. 49-66, jan./abr. 2006. Disponível no site: http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a04v32n1.pdf acessado em 10/11/2006.

WIELEWICKI, V. H. G. . *A pesquisa etnográfica como construção discursiva*. Acta Scientiarum, Maringá, v. 23, n. 1, p. 27-32, 2001.

ZEN, M. I. Dalla. *Histórias de leitura na vida e na escola*: uma abordagem lingüística, pedagógica e social. Porto Alegre: Mediações, 1997.

Sites Consultados:

Currículo Nacional do Ensino Básico:

http://www.dgidc.min-edu.pt/public/cnebindex.asp acessado em 17/02/2007

APÊNDICES

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
CLUBE DA RUA LIMPA
Direcionada à Professora Geni

Entrevistador:_____Ass:_____
Data:_____Dia da semana:_____Hora:_____

I PERFIL DO ENTREVISTADO:

a) Nome:_____ c) Idade:_____
b) Endereço:_____ d) Telefone:_____
e) Estado civil:
f) Escolaridade [ ] solteiro
[ ] Médio completo
[ ]Médio técnico _____
[ ]Magistério
[ ] superior completo
[ ] superior incompleto

g) Local de Nascimento:_____
h) Atividade atual_____

II – HISTÓRICO DO CLUBE DA RUA LIMPA (CRL)

a) Quando foi fundado o CRL

_____
_____

b) No início, o CRL contava com quantos membros?

_____
_____

c) Qual a principal motivação para a fundação do CRL?

_____
_____
_____
_____

d) As atividades do início eram as mesmas que acontecem atualmente?
[ ]sim, todas [ ] sim, algumas [ ] não
Quais as atividades que envolviam o CRL?

_____
_____
_____
_____

OBS:_____
_____
_____

Caso falte espaço para algumas das questões, utilize esse espaço ou o verso da folha.

III A REALIDADE DO CLUBE DA RUA LIMPA

a) Quantas crianças participam da CRL atualmente? (se possível discriminar por sexo)

b) Qual a Faixa etária dos membros do CRL?

c) Quais os critérios utilizados para que uma criança possa participar do CRL?

d) Existem outras crianças que desejam fazer parte do CRL?
[ ]sim, poucas [ ] sim, muitas [ ] não
Porquê?

e) Quais as atividades realizadas rotineiramente no CRL?

Existem mini-projetos dentro do CRL?
[ ]sim, poucos [ ] sim, muitos [ ] não

Quais já foram postos em prática até o momento? (se possível indicar o mês/ano de realização)

f) Quais as obrigações que um membro do CRL deve cumprir tanto na rua, quanto em suas casas?

g) Existe um contato, ou momentos de contato entre o CRL e as famílias (pais) dos membros do CRL?
[ ]sim, muitos [ ] sim, poucos [ ] não
Em caso afirmativo, quais são esses momentos?

h) Qual a postura dos pais ou responsáveis diante do projeto
[ ]são atuantes [ ] apóiam, mas com pouca atuação [ ] não se manifestam [ ] criticam

i) Existem parceiros do CRL?
[ ] sim, poucos [ ] sim, muitos [ ] não
Qual a colaboração deles?

j) A fonte de capital é proveniente:
[ ] recursos próprios da fundadora [ ] ajuda de parceiros [ ] ajuda de políticos

k) Quantas festinhas já foram realizadas dentro do clubinho, e o que geralmente acontece durante elas?

_____
_____
_____
_____

III A PRÀTICA PEDAGÓGICA

a) Qual é o método utilizado para estimular os membros do CRL?

_____
_____
_____
_____

b) Existe alguma cobrança quanto ao desempenho escolar?
[ ]sim [ ] não
Quais?

_____
_____

c) Qual a relevância das atividades estabelecidas dentro do CRL?

_____
_____
_____
_____

d) Na sua opinião o CRL auxilia:
[ ] na vivência com a família [ ] na vivência escolar [ ] na construção da cidadania
e) O CRL desenvolve atividades que possam ajudar os membros a desenvolver habilidades necessárias à sua vida escolar?
[ ] sim [ ] não
Quais?

_____
_____
_____

f) O que lhe dá maior satisfação de ter sido a fundadora do CRL?

_____
_____

g) Já houve algum reconhecimento do trabalho do CRL na sociedade?
[ ] sim [ ] não
Quais?

_____
_____

OBS:_____
_____
_____

Caso falte espaço para algumas das questões, utilize esse espaço ou o verso da folha.

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
CLUBE DA RUA LIMPA
PAIS

Entrevistador: Ass:
Data:
Município: Dia da semana: Hora:

I - PERFIL DAS LIDERANÇAS POLíTICAS LOCAIS

Dados sobre o entrevistado:

a) Nome: ..... b) Idade:

c) Endereço:
.....

Fone: .....

d)Estado civil: [ ] casado
[ ] solteiro
[ ] viúvo
[ ] separado [ ] amasiado [ ] outros

e) Escolaridade: [ ] analfabeto
[ ] alfabetizado
[ ] primário completo [ ] primário incompleto
[ ] ginásio completo [ ] superior incompleto
[ ] ginásio incompleto
[ ] secundário/técnico completo [ ] secundário/técnico incompleto nome do curso:
[ ] superior completo nome do curso:

f)Nome do filho e idade.

II- DESEMPENHO DO CLUBE DA RUA LIMPA (CRL)

a) O Sr. já foi convidado pelo CRL para participar de atividades do grupo?
[ ] Sim [] Não [ ] Ás vezes [ ] Não tem opinião

b)O Sr. considera a atuação da profª Geni como participativa?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Ás vezes [ ] Não tem opinião
Porque?

c)Que nota deve ser atribuida à qualidade técnica das atividades realizadas?
Nota de 0 a 10[.....] [ ] Não tem opinião
Porque?

d Que nota deve ser atribuida à capacidade da professora Geni para a realização das atividades do CRL?
Nota de 0 a 10 [.....] [ ] Não tem opiníão
Porque?

e) O Sr. já participou do CRL direta ou indiretamente?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Como?

OBS_____

11I- DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO

a) O Sr. conhece algum projeto desenvolvido pelo CRL?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Quais?

b) O Sr. se sente beneficiado de alguma forma pelo CRL?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Porque?

c) Que nota o Sr. atribui ao CRL?
Nota de 0 a 10 [.....] [ ] Não tem opinião
Porque?

d) Houve alguma mudança de comportamento no seu filho (a) após a participação no CRL?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Quais?

e) O Sr percebeu melhora no aproveitamento escolar de seu filho (a)?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Quais?

f) Na sua opinião, qual o grau de importância que seu filho (a) dá ao CRL?
Nota de 0 a 10 [.....] [ ] Não tem opinião
Porque?

g) O Sr já conversou com a Profª Geni, pedindo sua ajuda para auxiliar em algum fato relacionado ao seu filho (A)?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Quais?

h) Qual a sua contribuição para o CRL, seja ideológica ou financeiramente?

i) O Sr tem conhecimento da fonte de recursos que alimenta o CRL?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Quais?

j) Qual a atividade do CRL que o Sr acredite ser mais relevante? Porque?

OBS_____

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
CLUBE DA RUA LIMPA
COMPONENTES DO GRUPO

Entrevistador:
Data: Ass:
Município: Dia da semana: Hora:

I - PERFIL DAS LIDERANÇAS POLíTICAS LOCAIS

Dados sobre o entrevistado:

a) Nome: ..... b) Idade:

c) Endereço:
.....

Fone: .....

d)Série de estudo:

f)Nome da escola:

II- DESEMPENHO DO CLUBE DA RUA LIMPA (CRL)

a) Há quanto tempo está no CRL?

b)Você. já foi convidado pelo CRL para participar das decisões do grupo?
[ ] Sim [] Não [ ] Ás vezes [ ] Não tem opinião

c) Que nota deve ser atribuida à qualidade atividades realizadas?
Nota de 0 a 10[.....] [ ] Não tem opinião
Porque?

d) Que nota deve ser atribuida à capacidade da professora Geni para a realização das atividades do CRL?
Nota de 0 a 10 [.....] [ ] Não tem opiníão
Porque?

d) Quais as atividades realizadas, e de qual delas você mais gosta? Porquê?

e) O que você acha da professora GENI?

OBS_____

11I- DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO

a) Você se sente beneficiado de alguma forma pelo CRL?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Como?

b) Que nota você. atribui ao CRL?
Nota de 0 a 10 [.....] [ ] Não tem opinião
Porque?

c) Houve alguma mudança no seu comportamento após a participação no CRL?
[ ] Sim com meus pais [ ] Não
[ ] sim na minha vida pessoal [ ] Não tem opinião
[ ] Sim na escola
Quais?

d) As atividades do CRL te ajudaram na escola?
[ ] Sim [ ] Não [ ] Não tem opinião
Como?

e) Quantos livros você lia antes do Clube?

f) Quantos livros você lê agora?

g) O quê o seus pais acham do CRL?

h) O que acontece com os participantes que tem maior participação nas atividades do grupo?

i) O que acontece com os participantes que não fazem as atividades direito?

j) Você já recebeu alguma premiação do CRL?

k) Existe alguma atividade que o CRL faz que a escola também faz?

l) Se você pudesse mudar sua escola, qual atividade do clube você gostaria que a escola fizesse?

m) Complete a frase: "O CRL na minha vida é..."

OBS_____

ANEXOS

CLUBE DA RUA LIMPA

CERTIFICADO

Certifico que _____
participou do Campeonato de Multiplicação no período de 24 de fevereiro à 10 de março de 2006.

Jacobina, 24 de março de 2006.

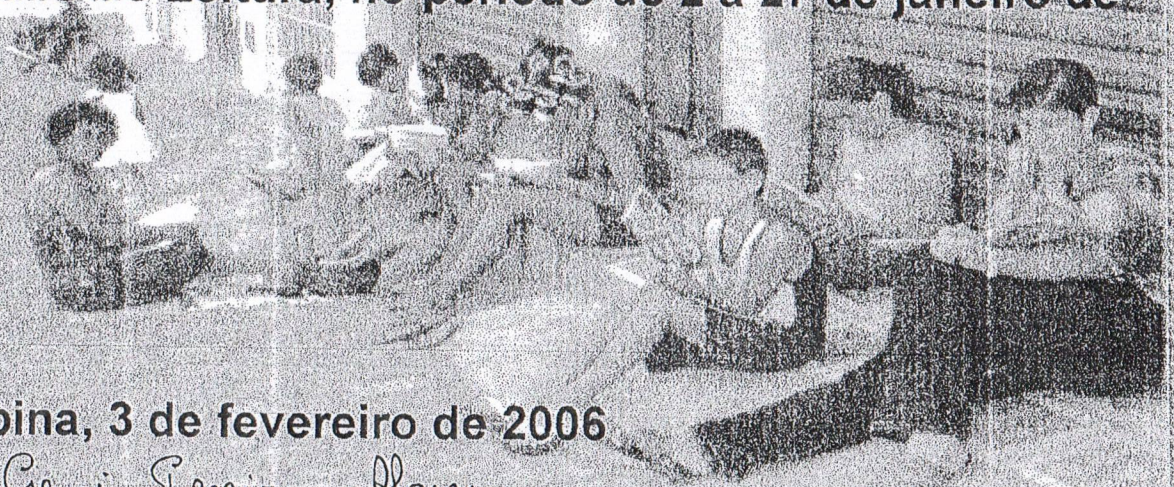
Geni Pereira Alves

Pró Geni Pereira Alves

CLUBE DA RUA LIMPA

CERTIFICADO

Certifico que Fernanda Alves dos Santos participou do Clube de Leitura, no período de 2 a 27 de janeiro de 2006.



Jacobina, 3 de fevereiro de 2006

Geni Pereira Alves

Pró Geni Pereira Alves

CLUBE DA RUA LIMPA

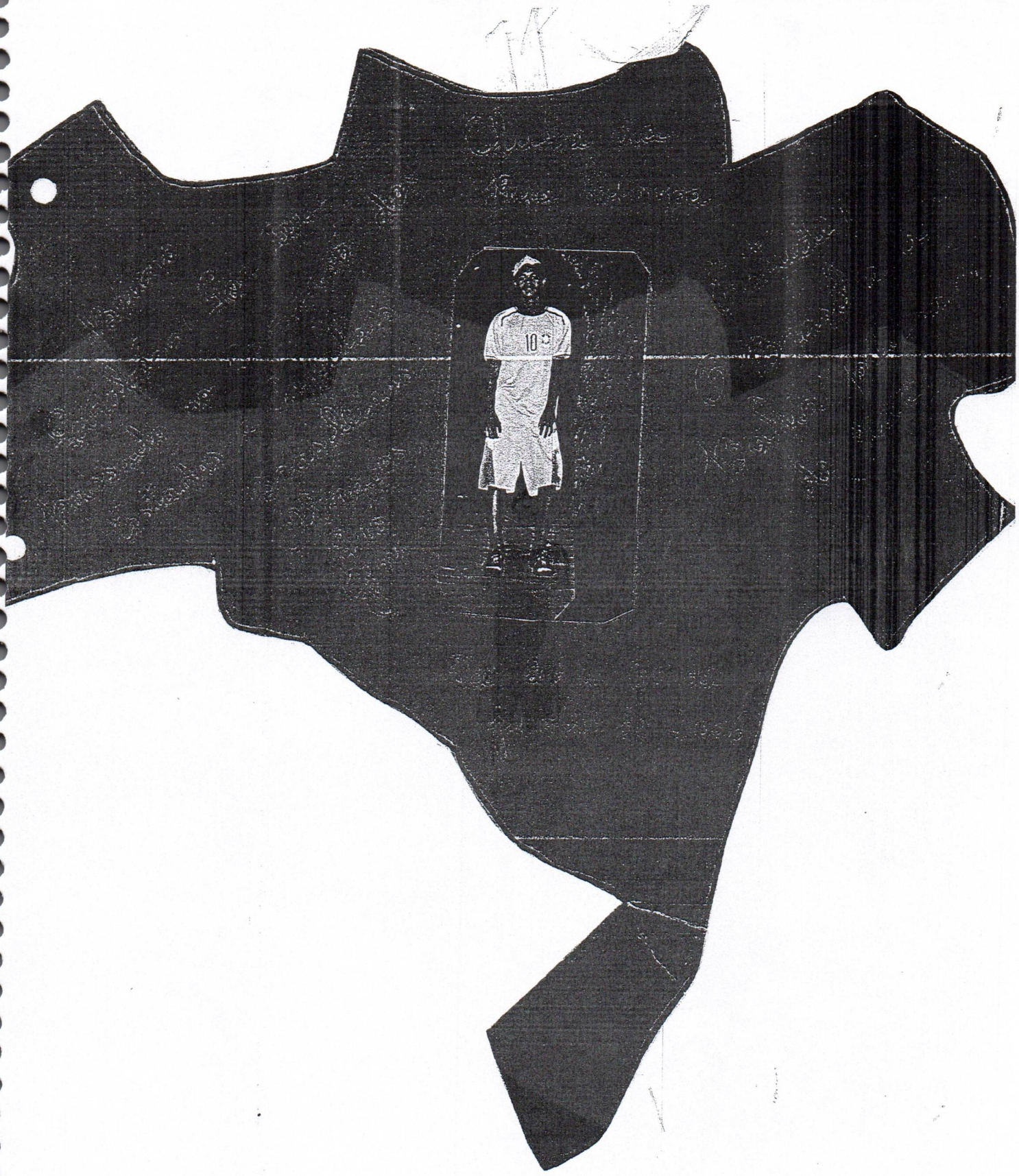
Certificado

Certifico que _____
participou do concurso do hino nacional de 4 a 17 de abril de 2006.

Jacobina, 28 de abril de 2006.

Geni Pereira Alves

Pró Geni Pereira Alves


10

CLUBE DA RUA LIMPA

Dia 28 de abril estaremos dando início a nossa segunda etapa do Clube da Leitura.

Breve o Clube terá uma sala para os nossos encontros. Sua colaboração para com o grupo é de grande importância para lhe dar direito a freqüentar a nossa sala de leitura.

Lembre-se que sua PORTA tem que estar sempre limpa. Esse é um dos DEZ MANDAMENTOS que todos temos que cumprir.

O sucesso do clube da Rua limpa depende de sua ajuda e cumprimento dos nossos mandamentos.

Breve o Clube da Rua Limpa estará completando dois anos de existência. O Clube não pára! Uns saem, outros entram. Uns mudam de rua, outros chegam. E o nosso trabalho continua!

Abraços.

Pró Geni

Estado da Bahia
Poder Legislativo do Município de Jacobina
Praça Rio Branco, 200 - Telefax – 74 36213438
secretariacamara@veloxmail.com.br

MOÇÃO DE APLAUSO 001/06

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Jacobina.

O Vereador infra-firmado requer a V. Exª que, após trâmite regimental, seja consignado por esta Egrégia Casa, Moção de Aplauso às senhoras GENI PEREIRA ALVES e CELINA MARIA IASSIN, extensivo às crianças das Ruas São José e Jequié, Bairro Missão, nesta cidade; que, mobilizadas pelas ditas senhoras, vêm explicitando em pequenas, mas eficientes ações uma verdadeira lição de cidadania.

Imbuídas pela vontade de fazer da rua onde moram um local cada vez mais agradável, D. GENI e D. CELINA uniram esforços e partiram para a limpeza das ditas vias públicas e, o que é melhor, conseguiram incentivar a todos os vizinhos a conservarem o lugar onde vivem constantemente limpo, fazendo todos perceberem que tão importante quanto limpar é não sujar.

Iniciativa que não retira a responsabilidade do poder público, mas serve-nos como uma boa lição, merecendo o nosso aplauso.

Dê-se ciência desta Moção às referidas senhoras e aos moradores daquelas vias públicas.

Sala das sessões, em 04 de abril de 2006.

Norma Soeli dos Santos Modesto
Autora

Data - 25/03/06

Paulinho está via fondo agora, e mandou dizer que ama muito e que admira seu trabalho vm bejo grande

Luan, Julia, Daniel, Bira e Fernanda participaram da entrevista na (FM) Rádia Jacobina FM

Ferreira do Bairro do Pirú, está parabenizando a professora e diz que atraveiz desse trabalho ela está valorizando os [redacted] jóvis.

Osvaldo do Táxi está parabenizando a professora Genir

Marta ex-aluna da professora Genir, está parabenizando pelo seu trabalho e diz que admira muito.

Uenilson primo da professora Genir também está parabenizando.

Participação no Projeto Especial de Cidinha * Estas pessoas ligaram dando parabéns pelo nosso trabalho do Clube da Rua Limpa